



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

MARIA DAS GRAÇAS DE FREITAS BARBOSA

Esculturas em Madeira
FORMAS SUGERIDAS – A FUNÇÃO DO PEDESTAL

Brasília-DF
SETEMBRO 2012

Maria das Graças de Freitas Barbosa

Esculturas em Madeira
FORMAS SUGERIDAS – A FUNÇÃO DO PEDESTAL

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,
habilitação em bacharelado, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Elyeser Szturm

Brasília-DF
SETEMBRO 2012

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. MINHAS VIAGENS	7
2. VIAGEM ARTÍSTICA PELA ESCULTURA	9
3. FORMAS SUGERIDAS – A PARTICIPAÇÃO DO OBSERVADOR	20
4. RESSURREIÇÃO – REALIDADE/ MITO	21
4.1.O mito de Cibele	21
5. KRAJCBERG E A NATUREZA	22
6. ALMA SECRETA DAS COISAS	24
7. AFINIDADES ESTÉTICAS	25
8. O CAMINHO DA ESCULTURA – A FUNÇÃO DO PEDESTAL	32
9. ENCONTRANDO A FORMA: LATITUDE 15° 09’ 18,78” LONGITUDE 47° 51’ 22,66” OESTE	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
ANEXO A – DIÁRIO DA ‘RAZÃO INVERSA’	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

Lista de Imagens

Figura 1: Amorosa – escultura em madeira, 2007.....	10
Figura 2: Labirinto da Memória – escultura em madeira, 2009	11
Figura 3: Razão Inversa - escultura em madeira, 2009	12
Figura 4: Agonia – escultura de madeira, 2009	13
Figura 5: Meteoro – escultura de madeira, 2009	13
Figura 6: Ente – escultura de madeira, 2010	14
Figura 7: Viandante – escultura de madeira, 2010	14
Figura 8: Sem título – escultura de madeira, 2010	15
Figura 9: Abá - escultura de madeira, 2010	15
Figura 10: Grutesco – escultura de madeira, 2010	16
Figura 11: Sereia – escultura de madeira, 2010	16
Figura 12: Bailarina - escultura de madeira, 2010	17
Figura 13: Sem título - escultura de madeira, 2010	17
Figura 14: Amorosa – releitura em alumínio, 2011	18
Figura 15: Amorosa – releitura em sabonete, 2011	19
Figura 16: Amorosa – releitura em parafina com pigmento, 2011	19
Figura 17: Exposição Natura – OCA 2008 – Frans krajcberg	22
Fonte: http://colunistas.ig.com.br/mauriciostyker/2008/11/28/krajcberg-em-sp-ainda-da-para-ver-a-grande-mostra-do-ano/	
Figura 18: Sem título – escultura em madeira - Frans krajcberg, 2008	23
Fonte: Krajcberg (2008, p. 63)	
Figura 19: L'âge mur, Camille Claudel	26
Fonte: http://taislc.blogspot.com.br/2010/05/camille-claudel.html	
Figura 20: Les causeuses, Camile Claudel	26
Fonte: Pinet et Paris (2003, p.54)	
Figura 21: La valse, Camile Claudel	27
Fonte: http://taislc.blogspot.com.br/2010/05/camille-claudel.html	

- Figura 22: Aranha, Louise Bourgeois 28.
 Fonte: <http://gigiimode.blogspot.com.br/2010/12/louise-bourgeois.html>
- Figura 23: Spiral Woman, Louise Bourgeois, 2003 29
 Fonte : <http://www.recirca.com/reviews/louisebourgeois/index.shtml>
- Figura 24: L'Impossible, Maria Martins 30.
 Fonte : http://itsgreeds.blogspot.com.br/2012_04_01_archive.html
- Figura 25: A Mulher e sua sombra, Maria Martins 30
 Fonte: <http://boralax.blogspot.com.br/2009/09/palacio-itamaraty.html>
- Figura 26: O canto da noite, Maria Martins31
 Fonte: <http://boralax.blogspot.com.br/2009/09/palacio-itamaraty.html>
- Figura 27: Arco Inclinado, Richard Serra 34
 Fonte: <http://noholodeck.blogspot.com.br/2011/11/richard-serra-envolvendo-o-espectador.html>
- Figura 28: The New York Earth Room, Walter de Maria, 1977 34
 Fonte: <http://blog.muuse.com/walter-de-maria%E2%80%99s-eternal-%E2%80%9Cthe-new-york-earth-room%E2%80%9D/de-maria-earth-room-1977>
- Figura 29: A Floresta Viajante, Thomas Neumaier 35
 Fonte: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.429645547060501.100031.369249949766728&type=3>
- Figura 30: A Guitarra, Pablo Picasso 35
 Fonte: Tassinari (2001, p.45)
- Figura 31: Homem Caminhando, Alberto Giacometti 36
 Fonte: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.429645547060501.100031.369249949766728&type=3>
- Figura 32: Heróis ou Atletas, autor desconhecido 37
 Fonte: Gombrich (2008 p. 631)
- Figura 33: Laocoonte e seus Filhos, Hagesandro, Atenoro e Polidoro de Rodes 38
 Fonte: Gombrich (2008, p.110)
- Figura 34: Relevô de Canto, Tatlin 39
 Fonte: http://historiadaartenamodernidade.blogspot.com.br/2010_04_25_archive.html
- Figura 35: Fontaine, Marcel Duchamp 40
 Fonte: <http://www.revistaimprescindibles.com/arte/marcel-duchamp-como-entender-el-arte-de-hoy-fontaine>

Figura 36: Coluna sem fim, Brancusi	41
Fonte: http://cimitan.blogspot.com.br/2009/12/roumanie-1937-constantin-brancusi.html	
Figura 37: Iago e seu cavalinho de pau, Fotografia Digital de José Gontijo, 2012	42
Figura 38: Latitude 15° 09' 18,78" Longitude 47° 51' 22,66" oeste, escultura em madeira, 2012.....	44
Figura 39: Latitude 15° 09' 18,78" Longitude 47° 51' 22,66" oeste, escultura em madeira, 2012.....	45

Introdução

O trabalho prático que embasou esta monografia foi desenvolvido no período de 2006 a 2012 sendo paralelamente acompanhado de orientação, leitura, pesquisa de materiais, ferramentas e busca de prática no manuseio das mesmas. Muitos caminhos foram abandonados sendo este recorte final a parte considerada mais relevante, que certamente não esgota o assunto.

As esculturas foram feitas em madeiras mortas encontradas no cerrado e na mata Atlântica, cujas formas sugeriram ao observador imagens que ele possa identificar com seus esquemas mentais, de forma que, também ele, participe da elaboração da obra.

A busca da revitalização das imagens encontradas em madeiras mortas, por meio da escultura, é uma forma testemunhar o ciclo vida/ morte/ vida, de buscar a ressurreição.

A escultura tem um longo caminho. Uma abordagem ampla seria inviável neste trabalho. O recorte foi feito abordando a questão do pedestal: sua função como testemunho de obra de arte e seu abandono, como forma de reintegrar a obra ao mundo.

1. Minhas Viagens

*Às vezes, vemos uma nuvem com aspecto de dragão;
 Às vezes, um vapor como um urso, ou um leão,
 Uma cidade com torres, uma rocha pendente,
 Uma montanha com dois picos, um promontório azul
 Coroado de árvores; formas de ar que,
 Acenando para o mundo, se riem de nossos olhos.*
 (SHAKESPEARE, 2005, p.139)

Minhas viagens, nos longos anos da minha infância, eram feitas olhando as nuvens. Conheci muitas coisas e muitos lugares nas figuras que elas iam desenhando. A vida transcendente era vivida nas nuvens. Na minha casa não havia TV, eu era a caçula de oito filhos. Vivia entre adultos e morava em Belo Horizonte. Férias, o tempo que deixou saudade, eu

passava na fazenda de meu padrinho, em Araújos, no interior de Minas. Ainda hoje me lembro do cheiro do capim e das frutas. Nessa época já admirava as formas que a natureza desenhava.

Eu me lembro também de buscar formas na pipocas, na madeira dos móveis da sala e nas manchas que existiam nas paredes.

Você deve olhar para certas paredes manchadas de umidade ou para pedras de cor desigual. Se tiver de inventar fundos de quadro, poderá ver nessas paredes e pedras a semelhança de paisagens divinas, adornadas com montanhas, ruínas, rochedos, florestas, grandes planícies, colinas e vales da maior variedade. (DA VINCI, apud Gombrich, 2007, p.159).

Minha mãe vivia em oração e romaria pedindo a Deus que meu irmão - o caçula dos homens, quatro anos mais velho que eu e que havia ficado cego dois meses antes de eu nascer - voltasse a enxergar. Minha mãe estava perto, quando ele explodiu uma espoleta de dinamite com um peso de balança. Este fato ficou como pano de fundo na vida da família por todo o sempre e certamente foi o motivo porque nasci velha.

Em romaria, conheci a obra de Aleijadinho, em Congonhas do Campo, aos três anos e, ainda hoje, me lembro do olhar de Nosso Senhor e do estado de sofrimento que isso me causava. O barroco e a religião são marcas fortes na minha vida.

Estudei em colégio de freiras onde fiz o jardim, primário e ginásial. Foi aí que tive as primeiras aulas de pintura e gostava muito de passar as tardes pintando no ateliê da Irmã Paulina. As aulas foram interrompidas com sua morte, ao final de dois anos.

O contraponto às curvas do barroco veio na adolescência, quando conheci a obra de Niemeyer e senti a leveza e a liberdade. Fiz o científico no Colégio Estadual Central, projeto do Niemeyer, era muito prazeroso estudar lá. Gostava também de ir à Pampulha, não me cansava de admirar a igrejinha e o Museu (ex-cassino), os jardins do Burle Marx e a pintura de Portinari.

Meu pai morreu de câncer no estômago, aos 62 anos, quando eu fazia o primeiro semestre de engenharia química, na UFMG. Ele estava cheio de orgulho porque eu havia passado no vestibular, mas me lembro que estava com ele no hospital, na semana que ele morreu, quando entrou o médico e ele lhe disse que eu fazia engenharia, mas que ele achava que eu deveria fazer artes porque eu pintava muito bem e fez um gesto como se segurasse um pincel e desenhou alguma coisa no ar. Disse também que engenharia era muito pesada para mim, tão pequena e magrinha.

Depois de formada fiquei um ano desempregada em Belo Horizonte, quando então vim trabalhar em Brasília. Em 1977, troquei as montanhas pelo planalto. Troquei as curvas barrocas

pela curva suave e limpa de Niemeyer. Troquei a dependência de minha mãe pelo poder sobre meu destino. O ar aqui é mais leve. O horizonte aberto desta cidade me dá uma sensação de liberdade, que me faz outra pessoa.

Na idade madura, já com meus filhos, caminhando pelas praias do sul da Bahia, meus olhos procuravam formas nas madeiras mortas que as ondas traziam. Há 20 anos coleciono estas madeiras que, algum dia, me sugeriram alguma coisa. Já podia viajar para onde quisesse, mas meus olhos não haviam perdido o hábito de viajar e sonhar nas formas sugeridas pela natureza.

Depois de aposentada fiz vestibular para Artes Plásticas na UnB. Agora estou terminando o curso. Foi o projeto pessoal que ficou muito tempo em compasso de espera e é também um tributo ao meu pai.

Continuo viajando a qualquer hora e em qualquer lugar, faço arte nas viagens pelas madeiras porque “*a arte existe para impedir que a realidade nos destrua*” (Nietzsche). As esculturas que faço, para mim têm um sentido metafórico: são a vida nascendo da morte, a ressurreição.

2. Viagem Artística pela Escultura

Quando ainda trabalhava fiz aulas noturnas de escultura em argila com a Mônica Chavarria. As aulas eram sempre com modelo vivo. Nesse período participei de alguns workshops com o Israel Kyslansky.

Depois de aposentada e cursando a UnB, fiz Escultura 1 com o professor Galina. O importante nesse período foi o aprendizado da noção de ocupação do espaço. Ele nos mostrou a necessidade de tridimensionalidade nas esculturas. As primeiras esculturas foram feitas em arame. Uma série de nove. Optei por três apoios no limite do ponto de equilíbrio. A etapa seguinte foi trabalhar em blocos de madeira. Fizemos três esculturas usando formão e goivas. Chamo estas esculturas de ‘formas forjadas’ porque desenhei e depois esculpi impondo a forma à madeira. Fiz a ‘Coruja’, a ‘Amorosa’ (fig. 1) e a ‘Arrependida’. O acabamento das esculturas foi feito com selador.



fig. 1 Amorosa , 2007, madeira 16,5 x 8 x 7 cm

Em Projeto Interdisciplinar, com o professor Belidson, fiz o ‘Labirinto da Memória’ (fig. 2), uma escultura em madeira, composta de módulos intercambiáveis, encaixados em um eixo central, fixado em um pedestal. Uma forma de pequeno totem. Buscava a materialização do tempo/ memória numa abordagem poética, através da escultura. Todas as coisas se entrelaçam o tempo todo, mas fiz um recorte dos pontos que achava relevantes que perpassavam pela religião, sexualidade, autoridade, assuntos relacionados aos infernos e buscas do paraíso. Ainda estava na fase forjada e pretendia fazer um totem de 1,60 m na diplomação.

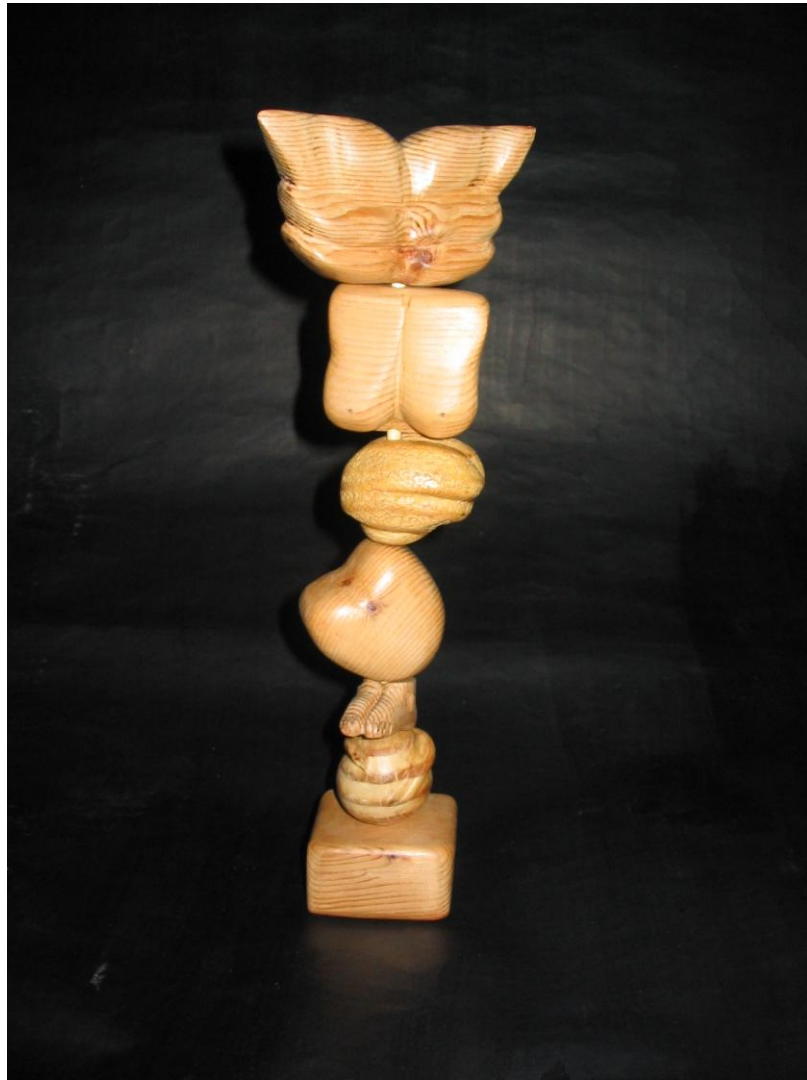


fig. 2 Labirinto da Memória , 2009, madeira 31 x 11 x 5,5 cm

Fiz Escultura 2 com o professor Miguel Simão. Com ele perdi o medo de trabalhar em grandes dimensões. Ele foi pródigo ao partilhar seu saber conosco. Fiz a “Razão Inversa” (fig. 3), escultura de 7 metros que está na Praça das Esculturas, na UnB. Nessa época comecei a trabalhar no que chamo “formas sugeridas”. O tema da morte/ ressurreição continuou recorrente e a busca das formas na natureza também. A partir desse período a morte/ destruição da natureza passou a ser um foco forte no meu modo de olhar a natureza que eu via tão bonita, suave, amada e perfumada.



fig. 3 Razão Inversa, 2009, madeira alt. 7 metros

Em Ateliê 1, com a professora Cíntia Falkenbach, continuei nas ‘formas sugeridas’ porém trabalhando com peças pequenas. Aprimorei o acabamento chegando até a lixa 1200 e passei a usar cera de abelha no acabamento. Continuava a abordagem do tema tempo/ fugacidade da vida, vida/ morte/ ressurreição do homem e agora também da natureza. Fiz “Agonia” (fig. 4) e “Meteoró” (fig. 5).



fig. 4 Agonia, 2009, madeira 50 x 40 x 25 cm



fig 5 Metoro, 2009, madeira 52 x 46 x 30 cm

Em Ateliê 2, com o professor Vicente Martinez, continuei com as ‘formas sugeridas’ e os mesmos temas anteriores mas comecei a questionar/ estudar a questão do pedestal. Fiz esculturas com pedestal (fig 6, 7, 8), sem pedestal (fig. 9, 10, 11) e sangrando (fig. 12 e 13);



fig. 6 Ente, 2010, madeira 42 x 40 x 11,5 cm



fig. 7 Viandante, 2010, madeira 58 x 32 x 15 cm



fig. 8 Sem título, 2010, madeira 29 x 9 x 6 cm



fig. 9 Abá, 2010, madeira 41 x 14 x 12 cm



fig. 10 Grutesco, 2010, madeira 38 x 21 x 11 cm



fig. 11 Sereia, 2010, madeira 61 x 48 x 24 cm



fig. 12 Bailarina, 2010, madeira 62 x 68 28 cm



fig. 13 Sem título, 2010, madeira 31 x 13 x 7 cm

Voltei à escultura em Materiais em Arte 2, com a professora Thérèse Hofmann, quando ela pediu que fizéssemos 10 releituras de uma obra nossa, utilizando diversos materiais. Escolhi a 'Amorosa' e trabalhei no bidimensional e no tridimensional. Fiz caixa com pirogravura, gravura em metal, mosaico, bordado em tecido (fronhas), escultura em alumínio com tampa de latinha de cerveja (fig. 14), escultura em sabonete (utilizando molde) (fig. 15), escultura em parafina com pigmento (fig. 16), escultura em argila fria, escultura em gesso com macarrão de letrinhas e quadro de papel artesanal com desenho alterado no paint. Foi uma experiência muito boa porque provocou abertura no olhar. Pude ver como a escolha do material influencia profundamente na obra. Às vezes, o que imaginamos não se concretiza como gostaríamos. Pude sentir como é difícil trabalhar com alguns materiais e que o produto final nem sempre corresponde à nossa expectativa. Foi importante também observar como as sensações podem mudar tanto com a variação do material.



fig. 14 Amorosa, 2011, releitura em alumínio 37 x 12 x 11 cm



fig. 15 Amorosa, 2011, releitura em sabonete 16,5 x 8 x 7 cm



fig. 16 Amorosa, 2011, releitura em parafina com pigmento 16,5 x 8 7 cm

3. Formas Sugeridas – A Participação do observador

Desde eras que se perdem na noite dos tempos, a verdadeira obra de arte guarda dentro de si muito mais do que a imagem que representa: guarda a magia de uma dupla vida – a que lhe deu o artista, na grande aventura da criação, e a que cada um lhe empresta, na emoção de contemplá-la.

(JAYME MAURÍCIO apud Callado, 2004 p.94)

Apolônio de Tiana, filósofo contemporâneo de Cristo, numa viagem à Índia em companhia de seu fiel discípulo Damis, o interroga:

... mas e as coisas que vemos no céu quando as nuvens se movimentam, os centauros, antílopes, lobos e cavalos? Serão também obras de imitação? Será Deus um pintor que emprega suas horas de lazer divertindo-se desse modo? Não, concordam os dois, essas formas nas nuvens, não têm sentido próprio, aparecem por puro acaso. Somos nós que, dados por natureza à imitação, interpretamos dessa maneira as nuvens. (...) A mente do observador tem sua parte na imitação. (...) aquele que contempla obras de desenho ou pintura deve ter a faculdade imitativa, ninguém será capaz de entender um cavalo ou um touro pintado se nunca viu tais criaturas antes. (GOMBRICH, 2007, p.154).

Citei este texto acima para exemplificar como a questão é antiga. Hoje sabemos que o observador busca esquemas mentais para leitura da imagem, o que Apolônio chamou de faculdade imitativa. O que lemos nessas formas casuais depende da nossa capacidade de reconhecer nelas coisas ou imagens que já temos, armazenadas em nossa mente. Os psicólogos chamam tais níveis de expectativa de ‘contextos mentais’. ‘Sempre que recebemos uma impressão visual, reagimos colocando-lhe um rótulo, arquivando-a, classificando-a de um modo ou de outro, mesmo que se trate apenas de um borrão de tinta ou de uma impressão digital’ (GOMBRICH, 2007 p. 251). Estas imagens “gravadas” em nossa mente funcionam como esquemas aos quais recorreremos para identificar novas imagens. Não conseguimos manter a “inocência do olho” e considerar cada imagem como independente de tudo que já vimos antes. Criamos esquemas mentais ou schematas por uma questão de “economia”. Schemata é o conhecimento prévio que temos de um evento. É por economia que nosso cérebro classifica e arquiva as imagens e quando vemos uma nova imagem ele ‘tenta’ enquadrar nas formas já conhecidas e arquivadas.

4. Ressurreição – Realidade/ Mito

As esculturas que faço, num sentido metafórico, são a vida nascendo da morte, a ressurreição.

Ressurreição para mim é realidade e, até então, acreditava que a crença do homem nela havia surgido com o Cristianismo. Pesquisando na mitologia descobri que, muitos séculos antes, em diversos lugares, já se cria na ressurreição. A questão é recorrente. O fim de tudo com a morte não é aceitável para a maioria dos homens.

4.1. O Mito de Cibele

O culto a Cibele surge na Frígia e, na época das guerras Púnicas, entre 205/ 204 a.C, o Senado de Roma mandou buscar na Frígia, a pedra negra que simbolizava a deusa e foi construído um templo para ela, que foi cultuada até uma época tardia do Império Romano.

Cibele, a grande mãe oriental, a mãe dos deuses e criadora de humanidade, na Frígia era cultuada nas montanhas e grutas. Seu domínio era a natureza inteira e ela personificava a força da vegetação.

Iconograficamente é representada com a cabeça coroada de torres, de uma estrela de sete pontas ou de um crescente lunar e seu carro é puxado por leões. Às vezes tem uma cornucópia nas mãos.(...) Cibele configura a energia latente do seio da terra: ela é a fonte primordial e ctônia (de origem subterrânea, ligada às idéias e forças da germinação e da morte) de toda fecundidade. Seu carro, arrastado por leões, denota que ela governa, comanda e dirige as forças vitais. Sua cabeça coroada traduz seu poder sobre os ciclos da evolução biológica da terra. (BRANDÃO, 2008, p.207)

Cibele tornou-se a divindade do ciclo vida-morte-renascimento devido à ressurreição do amante Átis. Existem várias versões para o mito. Escolhi somente uma porque não é objetivo deste trabalho dissecá-lo, mas somente apresentar a questão.

Átis, ‘um jovem de beleza irresistível, que vivia nas montanhas e florestas, mereceu as honras da paixão de Cibele’. Filho de Agdístis e Nana, ninfa ou filha do rio Sangaris, cujas águas emasculavam os que se banhavam nele. Deus da vegetação, amante e servidor de Cibele, sendo amado pelo hermafrodito Agdístis (seu pai), foi enlouquecido por ele e se emasculou. ‘O feito o levou à morte “ritual”: como a semente que morre no seio da terra (Cibele), ele ressuscita sob a forma de flores que brotam de seu túmulo’ (Brandão,2008, p. 141).

5. Krajcberg e a Natureza

Existe hoje uma consciência mundial em favor do meio ambiente. Graças a ela, reforça-se a idéia de que a sobrevivência da humanidade depende diretamente da sobrevivência do planeta. Essa dependência não é só de ordem física. Ela é também uma fonte de inspiração espiritual, que nos permite antever um tempo infinito e dar mais sentido à vida. (KRAJCBERG, 2008, p. 60)

Visitei a exposição ‘Natura’, no MAM de São Paulo, em 2008. Já conhecia a obra de Krajcberg por meio de fotografias, mas vê-las de perto foi uma experiência inesquecível. Nos textos que leio, anteriores a 2008, os críticos sempre falam da dificuldade de exposição de suas obras maiores em galerias, mas desta vez elas estavam lá: enormes, dramáticas, poderosas, barrocas (fig. 17 e 18).



fig. 17. Frans krajcberg, Exposição Natura - OCA 2008



fig. 18. Frans krajcberg, Sem título , 2008, madeira

Krajcberg e eu não temos nada em comum em termos de vivência e certamente nossos sentimentos em relação à natureza são muito diferentes. O olhar de Krajcberg para a natureza brasileira é o do encantamento do estrangeiro que chegou aqui já adulto, após ter vivido os horrores da guerra e que a vê com deslumbramento, como uma coisa exótica, ao passo que eu nasci no interior de Minas, no sertão e tenho intimidade com ela. Gosto tanto da floresta quanto do cerrado ou da caatinga. Porém acredito que o que temos em comum é muito forte: o amor pela arte e pela natureza e um grande sofrimento ao ver como ela tem sido maltratada.

Tenho o maior respeito pela sua obra e a admiro profundamente. Certamente não faria o que faço se não a tivesse visto. Em arte sempre partimos de alguma coisa. *‘É preciso um ponto de partida, um padrão de comparação, a fim de começar o processo de fazer, comparar e refazer, que finalmente se concretiza na imagem acabada. O artista não pode partir do zero, mas pode criticar os seus predecessores’* (GOMBRICH, 2007, p. 272). Se hoje trabalho com as formas sugeridas é certamente por ter como referência o trabalho de Frans Krajcberg. Suas obras são schematas para mim.

6. Alma Secreta das Coisas

Tudo que está morto palpita. Não apenas o que pertence à poesia, às estrelas, à lua, aos bosques e às flores, mas também um simples botão branco de calça a cintilar na lama da rua...Tudo possui uma alma secreta, que se cala mais do que fala. (KANDINSKY apud Jung, 2008, p. 341)

Os artistas, como os alquimistas, provavelmente não se deram conta do fato psicológico de que estavam projetando parte da sua psique sobre a matéria ou sobre objetos inanimados. Daí a 'misteriosa animação' que se apossa dessas coisas e o grande valor que se atribui até mesmo ao lixo. Os artistas projetavam suas próprias trevas, sua sombra terrestre, um conteúdo psíquico que tanto eles quanto sua época haviam perdido ou abandonado. (JUNG, 2008, p.342).

Como o artista projeta seu conteúdo psíquico sobre as coisas, também o observador enxerga o que está 'preparado' para ver, suas schematas. A forma sugerida nem sempre é a mesma para todas as pessoas. Este é o motivo pelo qual deixei de dar nome às obras, para não interferir nos esquemas próprios de cada um. Então, depois da obra pronta passei a pesquisar os símbolos do que fazia.

O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós' (JUNG,2007, p.18). 'Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2007, p.19).

Buscando os símbolos encontrei que a árvore é 'Símbolo da vida em perpétua evolução e em ascensão para o céu, ela evoca todo o simbolismo da verticalidade;(...). Por outro lado, serve também para simbolizar o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração. Sobretudo as frondosas evocam um ciclo, pois se despojam e tornam a recobrir-se de folhas todos os anos (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p. 84). Havia uma perfeita harmonia entre o que eu fazia por crença pessoal e queria dizer e o símbolo. A árvore é a ligação entre o céu e a terra pelas raízes e galhos, para mim a morte/ ressurreição e a madeira da cruz, que tantas vezes, e certamente nos momentos mais difíceis olhei, é o motivo da escolha porque não há como negar a religiosidade que está entranhada na minha carne.

No Oriente, assim como no Ocidente, a árvore da vida é muitas vezes invertida. Essa inversão, segundo os textos védicos, proviria de uma certa concepção do papel desempenhado pelo sol e pela luz no crescimento dos seres; é do alto que os seres extraem a vida, é de baixo que eles se esforçam por fazê-la

penetrar no mundo. Daí essa inversão de imagens: a ramagem desempenha o papel das raízes, as raízes o dos galhos. A vida vem do céu e penetra na terra: segundo Dante, ele próprio era uma árvore que vivia de sua fronde (...).

E, sobre o mesmo tema, conclui Gilbert Durand: Essa insólita árvore invertida, que choca nosso sentido de verticalidade ascendente, é um indício certo, no arquétipo da árvore, da coexistência do esquema da reciprocidade cíclica. Essa idéia da reciprocidade conduz àquela de união entre o contínuo e o descontínuo, a unidade e a dualidade, ao deslizamento simbólico da Árvore da Vida para a Árvore da Sabedoria, essa Árvore da Ciência do Bem e do Mal que, sem embargo se distingue da primeira. No paraíso¹ terrestre, será o instrumento de queda de Adão, como a árvore da vida será o da sua redenção, com a crucificação de Jesus. Essa distinção do Antigo testamento, que reforça mais uma vez a idéia de reciprocidade, introduzirá também, segundo André Virel, o paralelismo e a distinção de duas evoluções criadoras, biológica por um lado (árvore da vida), psicológica e histórica por outro (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2006, p.86).

Havia feito a “Razão Inversa” que para mim era ressurreição depois da morte não só da natureza, particularmente do cerrado, tão próximo da gente e mingando tão depressa, como também a ressurreição do homem, no eterno ciclo das coisas que às vezes mais se calam que falam. Falei também da inversão de mando, quando o homem acha que seu poder sobre a natureza é absoluto sem se lembrar que a natureza não se esquece nunca do que lhe é feito. Me lembro de ter lido em uma placa no Parque Trianon, na Avenida Paulista, uma frase do Cacique Seattle, que já conhecia há algumas décadas: “*o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra*”.

7. Afinidades Estéticas

Acredito que minhas afinidades estéticas se expliquem pelo sentimento profundo que tive em algumas situações e que persistem ainda hoje, quando me lembro do momento em que vi as obras de Camille Claudel, Maria Martins e Louise Bourgeois.

Em 2005 - ano que fiquei sem falar devido a uma cirurgia de retirada da tireóide, quando o médico cortou meu nervo laríngeo recorrente - o sentir estava sublimado. Visitei uma exposição com as obras de Camille Claudel no Museu Marmottan, em Paris. Já as conhecia por fotografia, mas ver suas esculturas, foi inesquecível. Suas obras têm alma! Paul Claudel disse: “Minha irmã Camille, sua obra é a história de sua vida“ (tradução nossa) (PINET e PARIS, 2003, p.78). Acho que realmente é a história de sua vida e contada de uma forma poética, honesta e com extrema competência. Não olhei suas obras, senti. Chorei muito vendo “L’âge mur” (fig 19), ouvi murmúrios em “Les causeuses” (fig. 20), “La valse” (fig. 21), que Debussy

¹ Ma soeur Camille, son oeuvre est l’histoire de sa vie.

mantinha em cima de seu piano, é pura dança, muito suave. Camille viveu em outro país, outro tempo, mas os sentimentos permanecem os mesmos, e acho que são universais.



fig 19 Camille Claudel , L'âge mur

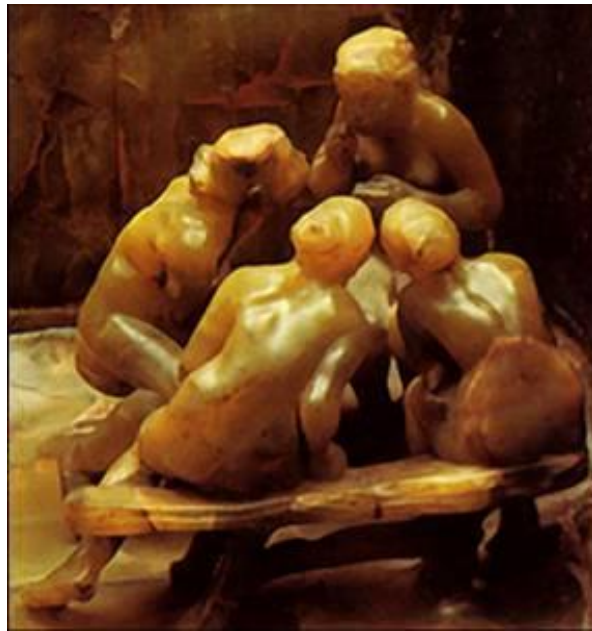


fig. 20. Camille Claudel, Les causeuses



fig. 21 Camille Claudel, La valse

A primeira obra de Louise Bourgeois que vi foi a “Aranha” no MAM em São Paulo. Quis saber mais sobre ela, fiquei impressionada, então li “Destrução do pai, reconstrução do pai”. Isto já faz alguns anos. Depois, na National Gallery of Art de Washington, vi outras obras dela. Sua obra é autobiográfica. Louise fala das pulsões humanas, trata das inquietações do inconsciente, dos traumas e os usa como força motriz de seu trabalho. Disse que: “*A arte é a garantia da sanidade*“. Acho que o processo catártico não é só do artista, mas também do observador.



fig. 22 Louise Bourgeois, Aranha alt. 9 m

Acho que Louise fala de questões femininas mesmo quando esculpe corpos masculinos. Suas mulheres são erotizadas, táteis, estranhas, retorcidas, à vezes com vários pares de seios. A maternidade é tema recorrente como também as aranhas, que são um tributo à sua mãe. *“A aranha é trabalho, doação, proteção e previdência. É da potência da teia oferecer-nos acolhida ou enredar-nos como uma presa”*. (HERKENHOFF, 1966, p.6)



fig. 23 Louise Bourgeois, Spiral Woman, 2003

Vi “L’impossible”, de Maria Martins, na exposição “Do espartilho ao silicone”, na Galeria Itaú, em 2004. É uma escultura de um homem e uma mulher cujas cabeças são tentáculos que se atraem. Esta escultura, para mim, era uma das obras mais fortes da exposição, que tinha um fio condutor consistente e uma curadoria muito bem feita. De Maria Martins conheço também “Rito dos Ritmos”, que está no jardim do Palácio da Alvorada, “A Mulher e sua sombra” e “Canto da Noite”, que estão no Palácio do Itamaraty.



fig. 24 Maria Martins, L'Impossible III



fig. 25 Maria Martins, A Mulher e sua sombra, bronze e madeira 150 x 200 x 48 cm



fig. 26 Maria Martins, O canto da noite, bronze polido 165 x 200 x 108 cm

Sempre penso em Maria Martins como escultora. Li sua biografia, mas a biografia da embaixatriz e da amante de Marcel Duchamp, não da escultora. Maria, mineira, forte, nascida em berço de ouro, independente, cheia de erotismo, que exercia fascínio sobre os homens e os teve na medida de sua vontade, de Mussolini a Duchamp, com outros entre eles, e antes e depois deles. Não consegui ver espaço para a escultora numa vida tão cheia de recepções e glamour, mas suas obras estão aí para testemunhar que ela existiu. Suas obras são fortes e o ‘ar barroco’ de suas obras deve ser mineiro. Na Igreja Matriz de Campanha, cidade onde Maria nasceu e viveu até os seis anos, tem uma obra de Aleijadinho. Maria também fez aranhas e conheceu Louise Bourgeois. Elas viveram em Nova York no mesmo período. Maria era amante de Duchamp e Louise amiga porém ambas são reticentes em relação à outra.

Suas primeiras obras foram em madeira, só mais tarde, após aprender a trabalhar com a cera perdida, passou a trabalhar com bronze. Maria, em entrevista dada a Clarice Lispector, disse que descobriu o gosto pela escultura, quando talhou uma madeira e gostou do resultado.

Escolhi três artistas e constatei que eram três mulheres. Já vi muitas esculturas de Picasso, Rodin, Brancusi, Amilcar de Castro, Henri Moore, Brecheret, Giacometti, Botero, Aleijadinho e tantos outros e não escolhi nenhum homem. Acredito que a identificação, neste caso é de gênero. Discutir gênero seria uma questão longa, o que não é o objetivo ou foco deste

trabalho. Isto é só uma constatação, mas acredito que, intrinsecamente, existe uma afinidade, um modo de olhar ligado a ele, que norteia nossa vida, independente de nossa deliberação.

8. O Caminho da Escultura – A Função do Pedestal

A escultura é uma arte que, retirando o supérfluo do material trabalhado, o reduz á forma do corpo que se desenhou na ideia do artista. Deve-se ter em mente que todas as figuras, de qualquer tipo, sejam elas entalhadas no mármore, fundidas no bronze ou feitas de estuque (massa preparada com gesso, água e cola) ou madeira, precisam ser de vulto, de tal modo que, girando-se em torno delas, seja possível vê-las de todos os lados e possam ser chamadas perfeitas. (VASARI, 2011, p.32).

Este conceito de escultura contempla o modo como a mesma foi praticada até o final do século XVIII, quando a arte passou por grandes mudanças depois da Revolução Francesa. Até então a questão era distinguir entre as atividades humanas as que fossem belas. A obra de arte deveria ser perfeita e bela e a pintura e escultura estavam no rol das Belas Artes. A função do pedestal era isolar o objeto escultural do espaço natural declarando que sua verdadeira ambientação diferia do mundo, como a moldura na pintura.

Outra grande mudança na história da arte ocorreu com a Revolução Industrial no século XIX. Se o mundo muda, o homem muda e certamente a arte também. Em 1903, o poeta alemão, R. M. Rilke, em uma monografia sobre Rodin, escreveu:

Escultura era uma coisa isolada, assim como o quadro de cavalete, mas não precisava de parede como este. Tampouco de teto. Era um objeto capaz de subsistir por si mesmo, e era correto atribuir-lhe inteiramente o caráter de uma coisa completa, ao redor da qual se poderia andar e que poderia ser vista de todos os lados. Todavia, de alguma maneira, ela precisava mostrar-se diferente das outras coisas, das coisas banais que todos poderiam tocar. Tinha de tornar-se intangível, sacrossanta, separada do acaso e do tempo em que ela surgisse, isolada e miraculosa como o rosto de um profeta. Era preciso dar-lhe o lugar certo, no qual não houvesse arbitrariedade, e era preciso inseri-la na calma duração do espaço e nas suas grandes leis. Tinha de caber no espaço à sua volta, como num nicho; sua segurança, seu equilíbrio e sua elevação não emanariam do seu significado, mas do seu ajuste harmonioso ao ambiente. (TUCKER, 2001, p.9)

O século XX teve o desenvolvimento da eletrônica como fator que provocou uma nova revolução que permitiu que todas as pessoas, em qualquer lugar do planeta, possam estar interligadas em rede no tempo real. O que era ficção virou realidade e a partir daí tudo passou a acontecer em um tempo cada vez menor. “A arte deixou de ser sinônimo de técnica e o belo deixou de ser um tema por excelência na arte. À arte ficou reservada uma esfera autônoma, problemática e sempre em redefinição, entre as atividades humanas.” (TASSINARI, 2001,133) O mundo da obra e o mundo em comum deixam de ser entidades separadas e a construção da obra somente pelo autor deixa de existir, ele chama o observador para participar da construção

da obra. Arte e realidade mantêm suas particularidades, mas há uma articulação entre todos os movimentos e eles acabam se contaminando de forma a justificar ou negar um ao outro.

Hoje, o conceito de escultura se tornou infinitamente maleável, pode ser um arco inclinado numa praça (fig 28) (Arco Inclinado, Richard Serra, 1981 - aço cor-ten 366 x 3.751 x 6 cm), uma coluna de fumaça (Anish Kapoor), uma sala cheia de terra (The New York Earth Room – 1977 – Walter de Maria – terra, turfa e cascas de árvores, 56 cm de altura 335 m² de área), ou fios de seda iluminados numa trama que ocupa o espaço de uma sala (Lygia Pape), pedaços de madeira com alças como malas em um jardim (Floresta Viajante, Thomas Neumaier) e tudo mais que a imaginação puder. Não há limite. Às vezes é difícil saber o que é uma escultura. Às vezes a realidade parece arte e vice-versa. A arte contemporânea afirma uma nova espacialidade. Há uma inter-relação entre arte e realidade. Até a época moderna, as esculturas tinham seu contorno definido e era fácil para o observador saber o que se tratava de uma escultura. Ela se apresentava pronta. O espaço moderno é o território do fazer, o feito mostra-se ainda fazendo. Rodin desprezava o acabamento, deixando algo para a imaginação do observador, como se a obra ganhasse forma no momento da contemplação. O espaço moderno é manuseável, de formação. Na primeira fase da modernidade começou a comunicação entre a obra e o mundo em comum, sendo o marco deste fato a “Guitarra” (1912-1913 de Pablo Picasso). Na fase do desdobramento o contorno desaparece na obra “O homem Caminhando II” (Alberto Giacometti, 1960). O espaço do mundo comum é seu complemento (Arco Inclinado, 1981, Richard Serra). Existe uma comunicação entre o corpo da obra e o mundo em comum. Há uma utilização de materiais não tradicionais como: vidro, metal laminado, luzes, terra, arame e muitos outros materiais. A escultura perde o pedestal, que lhe dava o status de obra de arte, apartada do mundo. Podemos nos ver interrogando: Isso é obra de arte? Visitando Inhotim, ouvi a pergunta. Passávamos por um jardim e havia uma trança de metal, como se fosse uma cobra serpenteando por ele. Identifiquei o artista: Tunga. Aquela obra me remeteu a outras obras dele: às tranças feitas pelos presos com lençóis, às tranças de “À la lumière de deux mondes” e às tranças das “Gêmeas Siamesas”. Aquela trança, fora de um Centro de Arte Contemporânea, poderia ser qualquer coisa, mas ali é obra de arte.



fig. 27 Richard Serra, Arco Inclinado, 1981, aço cor-ten 366 x 3.751 x 6 cm



fig. 28 Walter de Maria, The New York Earth Room,



fig. 29. Thomas Neumaier, A Floresta Viajante, 2012



fig. 30 Pablo Picasso, Guitarra, 1912/13 Folha de metal e arame 77,5x 35 x 19,3 cm



fig. 31. Alberto Giacometti, Homem Caminhando, 1960 alt. 187 cm

Duas esculturas de 'Heróis ou Atletas' (fig. 33) do século V a.C. , ambas em bronze e medindo 197 cm, foram encontradas no mar na costa da Itália meridional (GOMBRICH, 2008, p. 631) e chamam atenção porque não têm pedestal, o que era usual na época. Pode ser que tenham sido perdidos.



fig.32. Autor desconhecido, Heróis ou Atletas, bronze, V a.C.

Observando a escultura “Lacoonte e seus Filhos” (fig. 34) (Hagesandro, Atenoro e Polidoro de Rodes, 175-170 a.C. em mármore, altura de 242 cm) vemos que a obra sangra no primeiro pedestal e parte dela se apoia no segundo pedestal. Existe um terceiro pedestal que recebe toda a escultura. Fica a impressão de que os pedestais foram colocados de forma a atender à necessidade do movimento da escultura.

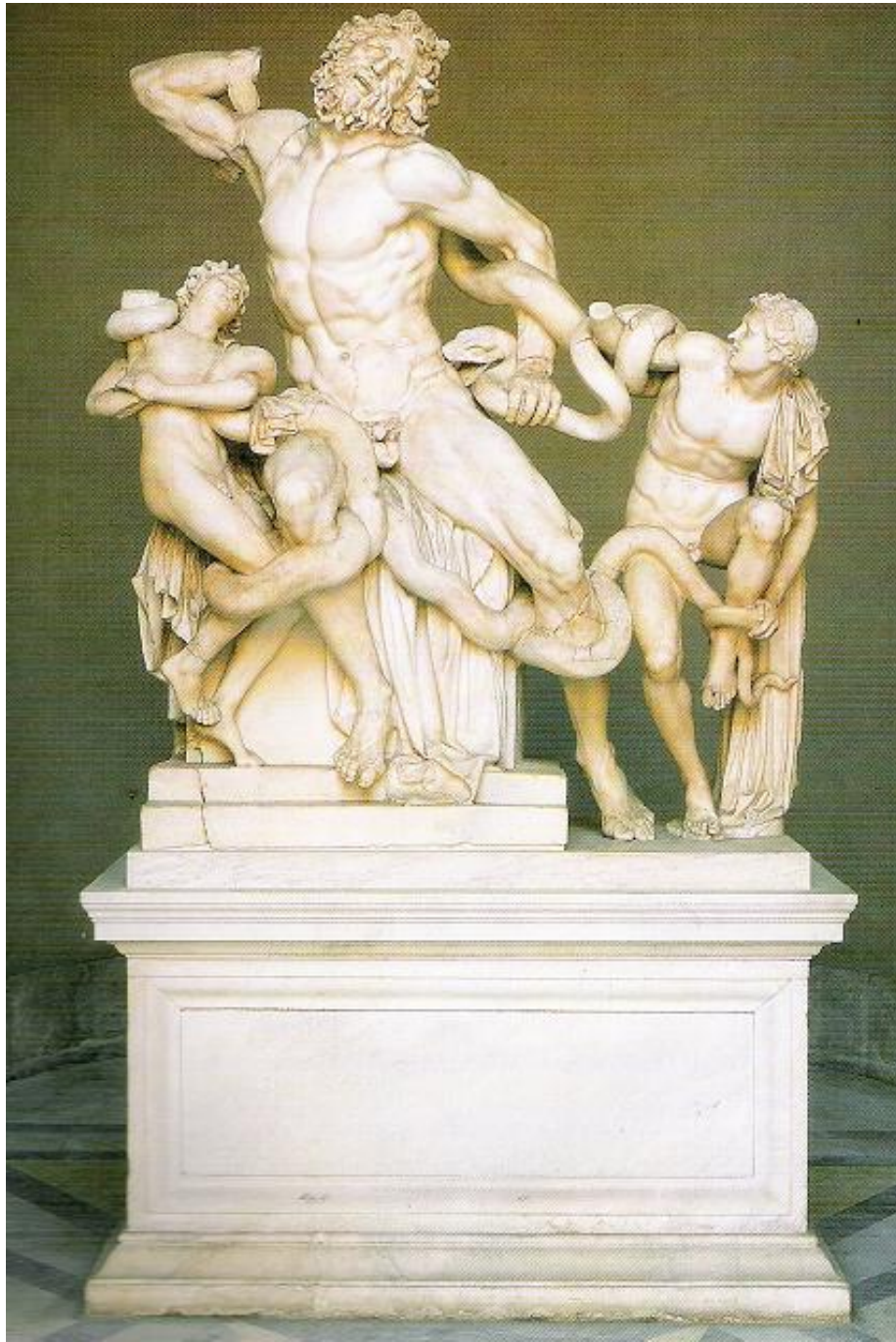


fig 33 Hagesandro, Atenoro e Polidoro de Rodas, Laocoonte e seus Filhos, mármore, 175-170 a.C.

Tatlin usou o canto da parede como pedestal – a função era insistir que o relevo que ele continha apresentava uma continuidade com o espaço do mundo e dependia deste para ter significado. (Relevo de Canto – 1915 – ferro-alumínio e base – 78,5 x 152 x 76,2 cm).



fig 34 Vladimir Tatlin, Relievo de Canto, 1914, ferro alumínio e base, 78,7 x 52 x 76,2 cm

Duchamp desvinculou a arte de sentimento pessoais e chamou este fato de ‘beleza da indiferença’. Para ele a escultura era uma estratégia estética. Em 1917 expôs um mictório invertido com o título “Fontaine”. *“O mictório sofrera uma inversão de modo a ficar apoiado em um pedestal, o que equivale a dizer que fora reposicionado, e tal reposicionamento físico representava uma transformação que deve ser lida em um nível metafísico.”* (KRAUSS, 2007, p.94)



fig 35 Marcel Duchamp, Fontaine (ready-made), 1917, porcelana, 61 cm

As esculturas de Rodin se apoiam em pedestal e, no caso de “Balzac”, também sobre pedestal, mas seu corpo dá a sensação de ser um segundo pedestal para a cabeça, que tem o destaque, parecendo ser ela somente, a obra.

Constantin Brancusi foi o grande criador de objetos que convidam à contemplação. Utilizou somente o pedestal e criou a “Coluna sem Fim” (fig. 36).

Em vários de seus pássaros as bases consistiam em formas empilhadas ou amontoadas umas sobre as outras. O caráter independente dessas formas – madeira facetada, pedras cruciformes, mármore cilíndrico – é uma declaração de que mesmo os fundos de onde emergem as esculturas são separáveis, rearranjáveis, contingentes. Em outras palavras, não existe nenhuma base racional preestabelecida para sua configuração”. (KRAUSS, 2007, 121).

Muitas de suas obras não têm pedestal e em outras fica difícil saber onde termina o pedestal e começa a obra ou se pedestal e obra se fundem.

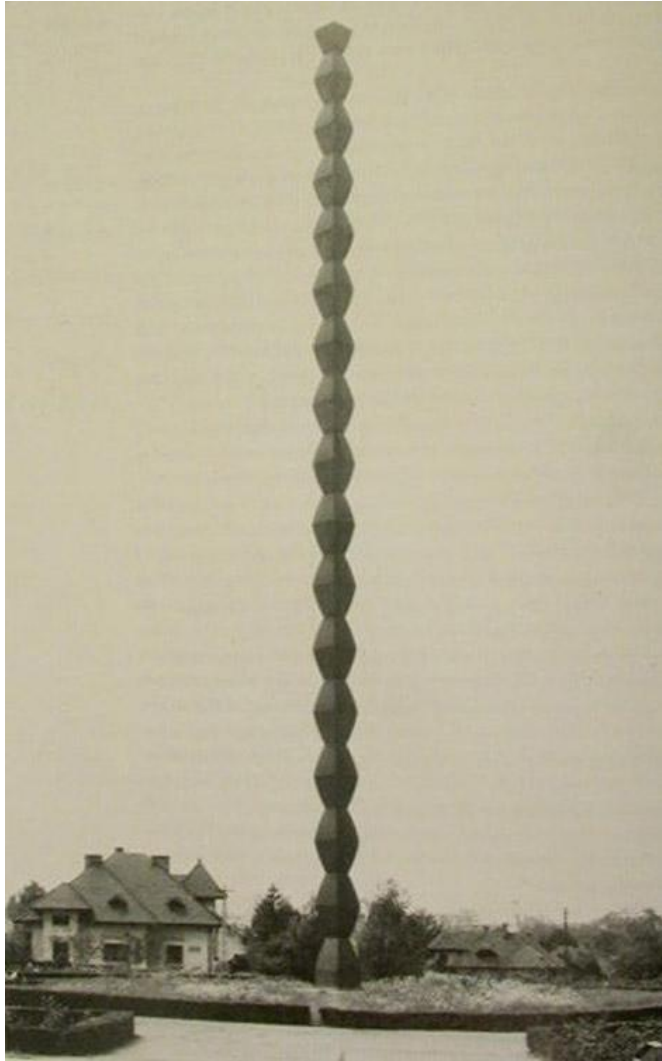


fig 36 Brancusi, Coluna infinita, 1937

*“Em seu livro *Beyond Modern Sculpture*, Jack Burnham defende a ideia de que a ambição mais fundamental da escultura, desde os seus primórdios, é a de ser uma réplica da vida”* (KRAUSS, 2007, p. 250). Réplica da vida inserida na vida sem o pedestal ou réplica da vida se mostrando como imagem dela, porém destacada da mesma pelo pedestal. Hoje a escultura pode se relacionar de uma forma harmoniosa com o ambiente mas também pode ser um apêndice que provoque uma reação de mal estar. Há uma busca de sensações que não necessariamente precisam ser belas ou boas.

9. Encontrando a Forma: Latitude 15° 09' 18,78" Longitude 47° 51' 22,66" oeste

Para fazer o trabalho prático precisava encontrar uma madeira cuja forma sugerisse alguma imagem. Estive atenta em todos os lugares por onde passava, mas sem resultado. Durante minhas caminhadas encontrei com o pessoal que faz poda de árvores. Combinei com eles e sempre que havia uma poda eles me ligavam e eu ia ao local ver se encontrava a madeira que me servisse para o trabalho. Também sem sucesso. Fui à Ponte Alta, na chácara de meu tio. Lá encontrei algumas madeiras possíveis de serem trabalhadas, porém elas eram grandes e estavam na beira do riacho e a mata ciliar impedia o acesso de trator ou 'braço Munck'. Combinei então com meu primo de ir à fazenda dele em Goiás, mas não foi necessário. Vi uma foto que ele havia tirado de um sobrinho-neto, Iago, brincando com uma madeira morta, como se fosse um cavalinho. Na hora me lembrei do texto "Meditações sobre um cavalinho de pau" do Gombrich. O Iago havia achado a forma. A madeira ainda estava lá, às margens do Rio Conceição, na latitude 15°. 09' 18,80" longitude 47°. 51' 22,66" e meu primo a trouxe na semana seguinte para mim.



fig 37 José Gontijo, Iago e seu cavalinho de pau, 2012, fotografia digital

A madeira pesa 8,5 kg e mede 86 x 56 x 26 cm. Comecei o processo de limpeza utilizando o compressor de água. Depois de a madeira estar seca, usei a lixadeira com escova de aço e em seguida com lixa grossa. A parte ‘bruta’ do processo estava pronta. Apliquei cupinicida e esperei uma semana para começar a parte mais delicada, que foi ajustar a forma com goiva, formão e “Dremel” e lixas de gramaturas mais finas chegando a 1200. Apliquei encáustica (cera de abelha, cera de carnaúba e terebentina) e dei o polimento. A escultura estava pronta, mas pedia um pedestal.

Consegui uma peça de madeira de demolição em uma marcenaria no Varjão. A peça mede 20 x 20 x 26 cm e pesa 11,5 kg. A madeira foi lixada e encerada com encáustica. Eu necessitava de mão de obra especializada para fazer a colocação da escultura no pedestal porque as peças eram muito pesadas. Fui à Maquete (UnB) e o Matias me ajudou. Foi necessário um dia de trabalho e muita paciência porque o ajuste foi feito aos poucos, para não comprometer nenhuma das peças. Matias identificou as madeiras: a escultura é de jacarandá do cerrado, também conhecida por caviúna, e o pedestal é de Angelim vermelho.

A escultura está pronta. Pesa 20 kg e mede 90 x 56 x 26 cm. Seu título será sua localização porque cada pessoa buscará seu próprio esquema mental para enxergar a obra, como num teste de Rorschach. Iago viu um cavalinho, Gustavo, um camelo, Isadora, au-au, Matias, uma ave e eu vejo um torso. Certamente outras coisas serão vistas.

O pedestal foi colocado porque foi necessário, porém a forma sangra, escapa para participar do mundo. Não o colocaria somente para dar à escultura o status de obra de arte. Se a escultura se mantivesse de pé ele não seria colocado.

Fiquei feliz ao saber que a madeira é caviúna. É uma árvore que conheço. Suas flores são de um roxo delicado e seu perfume é agradável. Existe uma caviúna no trajeto de minha caminhada diária e gosto de vê-la viva, cheia de pássaros e florida no início do ano. Gosto muito do seu cheiro. Quando a madeira chegou em minha casa ela tinha a cor de todas as madeiras mortas: cinzenta. Agora, polida e encerada ela mostra sua cor real: marrom avermelhado. Ganhou vida, ressuscitou.



fig. 38 Latitude 15° 09' 18,78" Longitude 47° 51' 22,66" oeste, 2012, madeira 90 x 56 x 26 cm



fig. 39 Latitude 15° 09' 18,78" Longitude 47° 51' 22,66" oeste, 2012, madeira 90 x 56 x 26 cm

Considerações Finais

O caminho da escultura não se esgota somente como obra de arte. Esculturas são feitas como ex-votos, como vudus, como objetos decorativos, como utilitários que, às vezes, viram obras de arte e outras tantas coisas. São utilizadas como fonte de prazer, devoção, fruição, catarse, provocação, comemoração, protesto, para homenagear pessoas, lugares ou acontecimentos.

Existem esculturas cuja finalidade original desconhecemos, como os Moás, da Ilha de Páscoa. Durante um período da história, foram encomendadas para servir como moeda, para comprar um lugar no céu, pelos ricos. Podem ser usadas como testemunho de riqueza, poder e bom gosto ou carregadas de simbolismos, com no filme “Outubro” de Einsenstein. Para alguns é garantia do alimento do corpo, para outros, da alma.

Encontramos esculturas em cemitérios, igrejas, praças, palácios, jardins, escritórios, residências de pobres a milionários, embarcações, museus e galerias. A própria natureza se encarrega de fazê-las, às vezes na pedra, como em Vila Velha (PR), às vezes na madeira, que foi o recorte do presente trabalho.

O pedestal deu status de obra de arte à escultura por muito tempo e sua retirada foi uma forma de subversão, de trazê-la para participar de nosso mundo. Nas minhas esculturas uso o pedestal somente por uma necessidade técnica. Se as fizesse na juventude, certamente o colocaria para validá-las. Acredito mesmo que, inicialmente ele tenha sido colocado por necessidade técnica e que com o passar do tempo o olhar das pessoas tenha se acostumado a ver esculturas como obras arte somente se validadas pelo pedestal, com toda sua pompa.

A arte atualmente é mais democrática. A utilização de materiais não nobres abriu espaço para que artistas possam trabalhar sem o dinheiro e o mando dos mecenas. Deu liberdade aos artistas e possibilidade a que pessoas não muito ricas também possam participar do antes tão seletto mundo dos possuidores de obras de arte.

Anexo A - Razão Inversa – Diário

Maria das Graças de Freitas Barbosa

Terça-feira – 18.08.09

19:00 horas – 1ª. Aula de Escultura 2 com o professor Miguel Simão. A turma tem 20 alunos, que foram chegando aos poucos. Os conhecidos: Pedro Oswald, Wesley, Sérgio Leo, Ana Paula, Lélis, Mateus Gandara e LÍlian. Cheguei junto com Miguel. 5 alunos não apareceram hoje. A aula foi curta porque foi a vernissage no Iate e Miguel está participando. Miguel apresentou o plano de trabalho para o semestre, ao ar livre. Gostei de ser “ao ar livre” e do plano. Só me “incomodou” o fato de ele ter pedido para “limpar tudo”. Acho difícil. Penso que quero mesmo é trabalhar com madeira e em módulos. Visitamos também o qual onde será a “Praça das Artes”. Será ótimo se tiver bancos!

(esboço)

Quinta-feira – 20.08.09

2ª. Aula – Turma completa (20). Camila também é da turma. Chama o Miguel de Tio Mig. É muito engraçado! Miguel projetou obras de escultores brasileiros: Cildo Meireles, Waltercio Caldas, Franz Krajcberg, Amílcar de Castro, Franz Weisman, etc alertou para o detalhe de que a mão do artista não aparece em nenhum trabalho. Apresentou várias obras próprias. Algumas bem diferentes dos trabalhos que conheço. Além dos sapatos e bolsas, também fotos, bustos, uma série de objetos cortantes, auto-retrato, retratos do pai e da mãe (esculturas) etc... Muito o que pensar...

(esboço)

25.08.09 – terça-feira

Sergio Leo – Brancusi (romeno)

Atelier Rodin – “ Nada floresce à sombra das grandes árvores”. Não!

Leda e cisne (ver)

2 correntes – negação da base – construtivistas, concretos.

Pedestal-> base-> para separar a obra do mundo.

Brancusi-> um discurso sobre a obra e a liga ao mundo.

Miguel sugeriu módulos... Referência à pintura de Morandi.

Rue Impasse Raussin, 11 (atelier Brancusi – ver)

Sugestão para próxima aula – Richard Serra (arte corporativa)

Filme – Chaim Gross (1937)

Ver -> “Beleza Roubada – Bertolucci; Sistema da arte – Hegel

27.08.09 – quinta-feira

Faltei aula. Estou em B.H.

01.09.09 – terça-feira

Richard Serra – 1939 – São Francisco

Process Art – chumbo derretido – arte processual

Pollock ->expressionismo abstrato

Aço patinável

Cai Guo-Qiang- Gugenheim – Nova York

Assisti o que Miguel mostrou na 3ª. Esculturas para Espaços Públicos

(ver) escada e rapel

(esboço)

Intercalar módulos sem escultura para permitir que os módulos possam girar.

Boa idéia de hoje. Olhei as madeiras e acho que posso aproveitá-las. Elas são pequenas para o que quero, mas posso esculpir em madeira separada.

- 1- homem de Neandertal
- 2- homem egípcio
- 3- homem grego
- 4- Jesus (marco zero)

- 5- Renascença
- 6- Atual (sexo indefinido)
- 7- Futuro (Brancusi)

Homens 2 e 6 de perfil

Pensar mais na ampulheta

Pensar em duas bases: uma em concreto e ferro para receber as peças na praça e outra de madeira, que receberá as peças posteriormente.

(esboço)

Labirinto do Tempo

É necessário verificar se as peças poderão girar em torno do próprio eixo ou se serão colocadas na posição definitiva.

Idealizei as peças podendo girar em torno do próprio eixo.

03.09.09 Mudou tudo!

Miguel sugeriu que esculpisse numa madeira o Stanley que já esta na maquete. Disse que o totem é maciço. Vai falar com Stanley. Devo ir à maquete na terça, para acertarmos as coisas.

(esboço)

08.09.09 – terça-feira

Estive na maquete hoje pela manhã. Conversei co Stanley. Ele tem projeto para a madeira. Volto à estaca zero. Stanley sugeriu que eu procurasse uma madeira que um ‘braço munk’ da UnB buscasse para mim. Estou pensando. Disse também que poderia comprar um eucalipto, numa madeireira no caminho de Sobradinho. Tenho que ver.

09.09.09 – quarta-feira

090909<- gostei tanto de escrever esta data! Aproveitei que não tinha aula de manhã e saí para ver a madeira. Naquela casa, que acho que é projeto do Zanini, vi a primeira que me interessou. Fui ao Parque das Garças. Tem uma árvore morta e caída. Peguei um galho para mostrar ao Miguel. Depois, ainda olhando, fomos ao Paranoá. Ah! Esqueci de dizer que, logo cedo liguei para o Edvaldo (mestre-de-obras que construiu minha casa) para trocar idéia com ele. Ele me disse que eu poderia conseguir na fazenda do cunhado dele, só que a fazenda fica a 170 km daqui. Inviável...Perguntei onde poderia comprar e ele sugeriu uma madeireira no Paranoá, que fica perto do terminal de ônibus. Quando Fátima (que faz faxina em casa) chegou, perguntei a ela, que mora no Paranoá, como era o melhor caminho para ir ao terminal. Pois é, por isso fui ao Paranoá. Conversei com o proprietário da madeireira. Ele disse que a única madeira “não aparelhada” que conseguirei comprar é eucalipto. Que acho no caminho de Sobradinho, como Stanley disse. Esqueci de dizer que no caminho vimos uma árvore caída e morta, já bem seca. Cacá foi comigo. Fátima disse que dentro da área dos pinheiros tem muita árvore caída, que eu poderia pegar, como o pessoal do Paranoá faz, só que não poderia ir só porque é perigoso. Tem estuprador, etc... É ruim heim! Pois é, voltando à árvore, foi paixão à primeira vista. Pena não ter levado máquina fotográfica. Ela está inteira, inclusive com as raízes. Tem 3 troncos. Daria um trabalho muito bonito. Trouxe um galho dela para ver a cor da madeira depois de lixada. Ela está um pouco queimada. Isto também não é mau, me agrada. Na volta, chegando no Varjão, vi uma madeireira que tinha a madeira roliça. Entramos para ver. É a da prospecto Cerrado & Cia . Um rapaz jovem e bastante atencioso achou interessante o fato de eu estar procurando madeira para fazer ‘arte’. Perguntou se eu era professora, quando perguntei pelo valor do frete até a UnB (rs). O eucalipto custa R\$ 200,00 e o frete... ganhei. A madeireira está fazendo um trabalho na Casa Cor (ao lado do Minas) , como é uma peça só, ele mandaria junto, sem problema. Gostei muito de uma madeira chamada roxinha (mas isso é outra historia). Preciso falar com Miguel.

Prospecto cerrado & Cia

09.09.09 – tarde

Passei na maquete. Miguel não estava.

10.09.09 – manhã

Passei na maquete antes da aula da Renata. Miguel ainda não havia chegado.

O mundo está de ponta cabeça!

(desenho)

Desisti da árvore do parque das Garças porque Gustavo (meu filho) disse que é lá que o pica-pau vai comer.

10.09.09 – quinta-feira

Cheguei um pouco atrasada. Fui ao dentista (Dra. Lúcia)

Lélis, Soraya e Pedro Oswald apresentaram os projetos. Ao final conversei com Miguel. Ele gostou do meu projeto. Acha que posso trabalhar com forma sugerida. Mudo de novo! No futuro volto aos meus projetos. Miguel disse que preciso de uma autorização formal porque não pode expor a UnB. Concordo. Amanhã penso nisso. Já é tarde.

11.09.09 - Já pensei.

Acordei cedo e comecei a ligar para a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e do Meio Ambiente, números: 3325-1803, 3325-1805, 3361-7316 (presidência), 3233-8099 ramal 260 ou 261 e 3233-2630. Às 09:00 horas, enfim, falei com Osmar telefone 8452-5594, muito atencioso, me orientou a fazer um e-mail, solicitando. Às 9:29 encaminhei o e-mail. Vamos aguardar...

Texto:

Retirada de árvore Morta em local público

De: “Graça Barbosa <mgfbarbosa@yahoo.com.br>

Para: dpjnovacap @bol.com.br

Departamento de Parques e Jardins

SEMAB – Seção de Poda e Cortes de Árvores

A/C do Sr. Marco Aurélio

Prezado Senhor,

Solicito autorização para retirada de uma árvore morta e parcialmente queimada, localizada às margens da via de acesso ao Paranoá, para confecção de uma escultura.

Sou aluna de Artes Plásticas da UnB - Universidade de Brasília e estou cursando a Disciplina Escultura 2. O enfoque da obra será a preservação do bioma Cerrado, tão agredido e ameaçado nos últimos tempos.

Caso sejam necessários maiores esclarecimentos ou outros procedimentos de minha parte, meu telefone é 3368-5572 e meu email, mgfbarbosa@yahoo.com.br.

Cordialmente,

Maria das Graças de Freitas Barbosa, matrícula UnB 06/91127.

E tem gente que acha que vida de artista é fácil...

Osmar ramal 390

Terezinha (397)

3233-2630 – sala Marco Aurélio

ver se chegou o e-mail 3233-8099 ramal 260 – Adairton

E assim sigo caminhando. Tenho falado muito no que tenho feito e pouco no que tenho sentido: muita ansiedade, às vezes, insegurança. Fico só pensando... Cacá (meu marido) diz que não paro de pensar. Será que alguém para? O que desejo mesmo é começar logo.

Saiu no Correio Braziliense de hoje:

DE TANTO TE PENSAR...

Hilda Hilst

De tanto te pensar, me veio a ilusão.

A mesma ilusão

Da égua que sorve a água pensando sorver a lua.

De tanto pensar me deito nas aguadas

E acredito luzir e estar atada
 Ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas.
 De te sonhar, tenho nada,
 Mas acredito em mim o ouro e o mundo.
 De te amar, possuída de ossos e abismos
 Acredito ter carne e vadiar
 Ao redor dos teus cismos. De nunca te tocar
 Tocando os outros
 Acredito ter mãos, acredito ter boca
 Quando só tenho patas e focinho.
 Me vem a fantasia de que Existo e Sou.
 Quando sou nada: égua fantasmagórica
 Sorvendo a lua na água.

15.09.09 14:10 h

Osmar não está, só amanhã de manhã.

16.09.09 – manhã

Liguei para Osmar que ainda não localizou o e-mail. Falei com Roberto que irá procurar o e-mail e ficou com meu número de telefone.

16.09.09 tarde

Fátima recebeu uma ligação do Roberto enquanto eu estava na UnB. Retornei. Ele achou meu e-mail e passou para o engenheiro Silvio que poderá dar o ‘Atestado de óbito da árvore’. Aguardar.

17.09.09 – quinta-feira

Aniversário de meu amado filho Gustavo. Fomos (Tavo, Bernardo e eu) almoçar no Mangai. Na volta passamos pela Água Mineral. Consegui falar com a chefe do Parque: Maria Helena. Muito solícita. Disse para a secretária que podia me mandar entrar logo porque era a primeira vez que

aparecia artista lá. É normal surgirem problemas, artista não. Pediu para formalizar. Vou fazer um e-mail. Fiz o e-mail. Não consegui enviar. Fui para a aula de escultura á noite. A turma continua apresentando os projetos.

Cartão Maria Helena

18.09.09 sexta-feira

enviei o e-mail:

Árvore Morta para escultura

De : Graça Barbosa mgfbarbosa@yahoo.com.br

Para: Maria Helena Reinhardt maria.reinhardt@icmbio.gov.br

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

Diretoria de Unidades de Conservação de Proteção Integral

Parque Nacional de Brasília

A/c da Sra. Maria Helena

Chefe do Parna de Brasília

Sou aluna de Artes Plásticas na universidade de Brasília, cursando neste semestre a disciplina escultura 2. O trabalho prático a ser realizado neste módulo é a confecção de uma escultura para local público. Meu projeto é trabalhar com as formas sugeridas pela natureza e para tanto solicito, caso seja possível e haja disponibilidade nesse parque, uma árvore morta.

O enfoque que será dado é que as árvores conservam a beleza mesmo depois de mortas e pretendo seguir na busca, já empreendida por tantas pessoas, de conscientização da necessidade de preservação do bioma cerrado, tão agredido e ameaçado nos últimos tempos.

Caso sejam necessários outros esclarecimentos ou procedimentos de minha parte, meu telefone é 3368-5572 e meu e-mail

Atenciosamente

Maria das Graças de Freitas Barbosa

Matrícula UnB 06/91127

21.09.09 segunda-feira

A resposta veio na sexta mesmo, mas só vi hoje:

Prezada Maria das Graças,

Referente à solicitação feita ao parque Nacional de Brasília, informo que após consulta à equipe do Núcleo de Pesquisa e Manejo da Unidade, concluímos pela impossibilidade de autorização de coleta de indivíduo arbóreo nativo, mesmo que morto, pois troncos mortos servem de substrato, abrigo e alimento para uma série de animais, principalmente insetos, além de serem importantes como matéria orgânica para o enriquecimento do solo.

Porém há possibilidade de autorizar a coleta de indivíduo morto de espécie arbórea exótica. Caso haja interesse, favor entrar em contato com a técnica Christiane Horowitz, para combinar a coleta e transporte da mesma para a UnB.

Atenciosamente,

Maria Helena Reinhardt

Analista ambiental

Chefe do parna Brasília

Tel: (61) 3233-4553 e 3233-6897 e 3234-3680.

Às 8:50 h liguei para Christiane. Ela ainda não havia chegado. Fui para a UnB. Aula de francês, às 10:00h, antes de entrar na sala consegui falar com Christiane, que fará uma pequena cirurgia amanhã. Só poderá me receber na próxima segunda. Ratificou o e-mail. Não é possível retirar árvore do cerrado, mesmo que morta, retorna ao bioma (em 05.04.2012, na digitação: vida depois da morte... ressurreição...). O indivíduo que poderá ser retirado, só se for árvore exótica (estou curiosa para saber o que é árvore exótica). Na segunda ligo confirmando o horário (será na parte da tarde).

22.09.09 terça-feira

Meriza ligou perguntando porque ando sumida. Disse que ando atrás da árvore. Meriza disse que tem uma árvore de cerrado morta, que posso ficar sem problema. Passei na casa dela às 17:00 h. Gostei da árvore, só que a logística para tirar é meio complicada. É grande, ainda não caiu, apesar de morta e está no 1º. quintal. Não dá para chegar caminhão. Conversei com Miguel (da Meriza fui direto para a UnB). Cheguei um pouco antes da aula. Miguel aprovou a idéia (sem acento) da árvore de ponta cabeça. Falei da 3 alternativas:DPJ, Água Mineral e Meriza. Miguel disse que consegue o caminhão e que tem um senhor na UnB, que é ótimo na motosserra, só que poderá me ajudar lá. O corte a ser feito antes pode ser tosco e com margem.

Débora apresentou um projeto que gostei muito. Pensei nele e acho que sua proposição é ótima, só que mais velada., só insinuada. Gostei mais da insinuação que do objeto penetrável. Preciso sugerir a ela para render a lona com cortes para evitar que seja roubada (retirada para outros fins, fica melhor).

23.09.09 – quarta-feira

Fátima chegou hoje às 8:00 h e disse que viu a árvore, da qual eu havia falado, na estrada do Paranoá. Fiquei alegre ao saber que ainda está lá. Me animei e liguei de novo para o DPJ. Falei com Roberto. Ele disse que já havia passado o e-mail para o engenheiro, mas disse que ele hoje iria ao Itapuã. Me deu o telefone dele: Silvio – 9996-0214. Consegui falar com ele às 9:56 h. expliquei quem eu era e do que se tratava. Ele lembrou do e-mail e disse que irá ver a árvore hoje à tarde. Pediu para eu ligar amanhã entre 8:00 e 8:30 h, quando estará com a equipe e me dirá o que é possível.

24.09.09 – manhã – Aniversário do Tata! Filho muito amado!

09:00 h liguei para o Sílvio. Ganhei a Árvore! Não tenho fax e na Novacap não tem scanner. Voltarei a ligar mais tarde para ver como pego a autorização. Levei Cacá ao aeroporto (vai passar o aniversário com Tata) e na volta fiquei no Ida. Aula da Renata. Tive a idéia (sem acento) de pedir para o Sílvio passar o fax para a UnB. Conversei com Maurílio e posteriormente com a Marta. Liguei para o Sílvio. Ele vai mandar o fax para o Ida.(3307-4257) Aula da Renata. Na saída peguei o fax. Cá está! Passei pela maquete (3307-2317) para conversar e mostrar o fax ao Miguel, que já havia saído para o almoço. Vou ligar à tarde.

Texto do fax que hoje, 06.04.2012, quando digito o diário, está quase ilegível:

A/c Maria das Graças

Remetente: Novacap

AUTORIZAÇÃO PARA REMOÇÃO DE ÁRVORE EM ÁREA PÚBLICA

O Departamento de Parque e Jardins – DPJ – da Companhia Urbanização da Nova Capital do Brasil – NOVACAP – de acordo com o disposto no artigo 3º. Do Decreto no. 14.783/GDF (17.06.93) e, após vistoria no local, autoriza Sra. Maria das Graças de Freitas Barbosa, a remover uma árvore caída na subida para o Paranoá sentido SMLN/Paranoá e transportá-la para o Campos da UnB.

A NOVACAP não se responsabiliza por quaisquer acidentes e/ou danos a pessoas e/ou patrimônio quando da realização dos serviços de cortes e transporte de resíduos por terceiros.

Solicitação de Vistoria no. 5940/09

Brasília, 24 de setembro de 2009

Sílvio Venturoli

Engenheiro Agrônomo

CREA 11.051/D-DF

Noite – aula

Conversei com Miguel que me orientou fotografar a árvore, fazer o projeto dos cortes, fazer uma carta à prefeitura da UnB solicitando moto-serra e caminhão munk e disse que devo submeter o projeto à turma. Providenciarei.

27.09.09 - 7 anos da morte da mãe. Ruim né? Dia bem complicado, várias coisas...Mas vamos “tocando em frente”.Meriza foi comigo (15:30 h) na árvore, minha árvore. Me ajudou nas fotografias e medidas. É engraçado, os carros diminuem a velocidade e ficam tentando descobrir

o que está acontecendo. (07.04.2012: os motoristas, claro!) a árvore mede 12 metros. O corte deverá ser a 6,5 metros da base.

28.08.09 – 15:30 h

Liguei para Christiane. Remarquei para ir lá amanhã. Estou esperando o guincho para a Belina desde as 12:00 h e ele ligou que virá às 16:00 h. Para hoje, a ida ao Parque ficou prejudicada.

29.09.09 – 09:00 – terça-feira

Cheguei á Água Mineral. Christiane disse que é ético e politicamente correto trabalhar com espécies exóticas, que prejudicam o bioma. Saímos de Kombi com o Sr. Valmir, responsável e mais 2 auxiliares, para vermos as árvores exóticas: pinus, eucalipto, tem também uma sibipiruna morta. Só que todas estão de pé. Fazia um calor danado! Foi 1:30 h de caminhada. Seria bom para o parque se pudéssemos usar as exóticas. Eles não podem vender. Não teem motosserra e nem muncck . Fiquei de conversar com Miguel. Por agora, para mim não dá. Teria que esperar as árvores secarem para trabalhar. Cheguei tarde para a aula da Renata. Ah! Antes de sair fiz a carta à prefeitura. Entreguei hoje ao Miguel.

Universidade de Brasília

Prefeitura do Campus Darcy Ribeiro

Brasília (DF), 29.09.09

Senhor Prefeito,

Sou aluna de Artes Plásticas nesta Universidade e estou cursando a disciplina escultura 2 com o professor Miguel Simão. O conteúdo da disciplina prevê a construção de uma escultura para local público. A mesma será colocada na Praça das Artes, deste campus.

Consegui autorização do Departamento de Parques e Jardins para a retirada de uma árvore morta de local público. A árvore está na subida para o Paranoá sentido SMLN/ Paranoá, lado direito da pista, defronte quiosque de venda de água de côco.

Solicito, caso seja possível, ajuda desta prefeitura para retirada da árvore e transporte para a maquete, onde a obra será executada. Seria necessário caminhão Munk e motosserra. A árvore mede 12 metros e a parte que será trabalhada terá 6,5 metros a partir da raiz.

Encaminho, anexo, cópia da autorização, fotografia da árvore e projeto de corte.

Caso sejam necessários outros procedimentos ou esclarecimentos de minha parte, estou à disposição pelo telefone 3368-5572 ou e-mail mgfbarbosa@yahoo.com.br.

Atenciosamente,

Maria das Graças de Freitas Barbosa

Matrícula UnB 06/91127

29.09.09 – noite

Entreguei a ‘carta ao prefeito da UnB’ ao Miguel, antes da aula. Apresentei meu trabalho 3X4. Miguel gostou. Lélis apresentou novo projeto, muito bom. Durante a aula vi um carrapato andando no meu braço. Fiquei louca para chegar em casa, dar uma rastreada geral e tomar banho. Bem que Christiane falou que havia carrapato no cerrado! Em casa achei mais um carrapato. Pedi ao Gustavo para dar uma olhada nas minhas costas. Tenho a sensação de que ainda tem carrapato andando em mim. Ô cabeça!

01.10.09

Luiz apresentou o projeto. Sua cerâmica é muito boa! Miguel sugeriu alterações. Achou o projeto bom para galeria. Apresentei meu trabalho. Miguel já enviou meu pedido à prefeitura. Uma questão par pensar: Disse que colocaria um verniz brilhoso porque conserva mais. Miguel perguntou porque eu queria que a árvore conservasse tanto. Acho que todo mundo administra bem que as coisas se deterioreem, que acabem. Eu insisto em tentar conservar, manter, resgatar.

02.10.09 – 09:01 h

Liguei para Christiane agradecendo o carinho e solicitude. Farei um e-mail para Maria Helena, formalizando o agradecimento. O nome do funcionário é Vilmar (07.04.2012: acredito ser Vilmar. Minha letra está ruim...)

08.10.09 noite

Miguel disse que a prefeitura ainda não deu resposta. Amanhã ele irá lá.

miguelsimao@unb.br

cronograma para 20.10

Fiz e-mail para Miguel às 22:13 h

Texto:

Miguel,

Conforme você orientou, estou enviando meu e-mail mgfbarbosa@yahoo.com.br, meu telefone é 3368-5572 e cel 8115-6870. E fica minha torcida para que a UnB libere o caminhão para buscar a árvore o mais breve possível.

Graça

11.10.09

Miguel respondeu às 13:43 da sexta, mas só hoje vi. Ele tentou ligar também mas não ouvi. Estava no quintal com o dremel ligado. Cacá e Gustavo não estavam. A boa notícia é que consegui o caminhão. Miguel respondeu para eu ir à prefeitura. Vou na terça logo cedo

Resposta Miguel:

Olá Graça,

Segue o no. Do UnB doc para você acompanhar o processo: 103130/2009 – data 01/10/2009

Procure a Sidneia secretária do perfeito. (grifo meu)

Vai dar tudo certo

Abraços

13.10.09

transporte 3107-3399 – Paraíba ou Tico (caminhão)

Jairo

Motorista-Antônio

Glauciene (DPJ) UnB

Osvanildo – Diretor que deu despacho

Secretária – Janaína

Miguel – motosserra

Centro Comunitário amanhã às 08:00 h – Paraíba ou Jairo

14:20h - Falei com Fátima. Ela disse que não viu a árvore hoje. Fiquei ansiosa. Nem posso acreditar! Vou lá agora com Cacá e Albertina.

15:57 h - A árvore está no lugar!

18:27 h – Miguel ligou perguntando se recebi o e-mail. Disse que cortou a mão e levou pontos. Não haverá aula hoje. Disse a ele que fui à prefeitura e acertei a busca da árvore para amanhã às 08:00 h. Perguntei onde coloco a árvore. Não pode ser no estacionamento. Cacá achou um absurdo eu falar de árvore, com ele no hospital. Me sacaneou até...

14.10.09 - 8:00 h

MUCK – PARA BUSCAR ÁRVORE NO PARANOÁ (grifo meu)

Está escrito no quadro verde da sala do Paraíba. Ele não está. Falei com seu substituto: Jairo. Ligou chamando o motorista do munck que disse que chegará em 15 minutos. Sinto “A insuportável leveza do ser”. Saímos às 8:40 h. caía uma chuva fina que ficou toda a manhã. Retornamos às 10:40 h. O motorista Antônio Oliveira é quem opera o munck. Com ele foi um ajudante: Jaime. Comigo foram Sr. Miguel e Silvino, que operam a motosserra. Fui devagar guiando o caminhão que não anda mais de 60 k/h. Muito bons, muito competentes. Na volta passei para abastecer. Meu bebê chorou de fome. Foi um alívio quando, enfim, a árvore foi colocada na maquete. Stanley ajudou. Agora é só comigo. Cheguei em casa e fiz um e-mail para Miguel.

P.S. Ao sair do estacionamento encontrei Osvanildo que disse estar sempre às ordens.

Texto e-mail:

Miguel,

Estou torcendo para que sua recuperação seja o mais curta possível. Desejo mesmo que você fique bom logo. Ficar de mão machucada é ruim para qualquer pessoa, imagine para um artista!

Deu tudo certo na busca da árvore, que já está na maquete e passando bem. Todos os funcionários da prefeitura muito muito atenciosos. Agradeço especialmente os srs. Oliveira, Miguel, Sivino e Jaime que trabalharam hoje pela manhã no corte e transporte da árvore. Muito grata a você que viabilizou tudo isto. Melhoras e um abraço.

Graça

20.10.09- terça-feira às 13:57 h fiz e-mail para Sílvia:

Departamento de Parques e Jardins

SEMAB – Seção de Poda e Cortes de Árvores

A/C do engenheiro Sílvia Venturoli

Comunico a retirada da árvore em 14.10.09, autorizada por esse departamento em 24.09.09. Muito agradecida!

Atenciosamente,

Maria das Graças de Freitas Barbosa

Recebi e-mail da Maria Helena às 15:23 h:

Olá Maria das Graças

Estaremos sempre à disposição para quaisquer parcerias possíveis.

Fico feliz que você compreendeu nosso trabalho e as restrições que às vezes temos para poder autorizar uma atividade.

E também fico feliz de saber que você conseguiu o exemplar que precisava para concluir seu trabalho.

Um abraço

Maria Helena Reinhardt

Analista Ambiental

Chefe do Parna Brasília

Tel (61)3233-4553 e 3233-6897 e 3234-3680

Noite – aula

alvenaria – mestre-de-obras : Zezão – fundação -> Precisa argamassa?

Neutrol

Selador – verniz sherwin willians

Tiner

Destinação ao final do período

Mini esmerilhadeira makita com lixas furadas (Miguel me deu uma para ver como é) grão de 24, 36, 50, 60 e 120

Luvas

Máscara

Argamassa – cimento, areia e brita

Estopa.

A árvore é um carvoeiro

Depois da aula passei na Rita para buscar Albertina. De lá liguei para Marks para falar sobre a iluminação: cabo pp +-R\$ 5,00 o metro

Projetor enterrado no chão (+- R\$ 200,00)

Fonte com vapor de metal cor laranja->âmbar (150 watts) (+- R\$ 70,00)

2 refletores - reator (+- R\$ 100,00) e ignitor ->

do chão para cima só ofusca com menos de 3 metros

(+- R\$ 400,00)

pode ser só um ponto – fica mais dramática (de 250 watts) telefone Marks: 7815-5324

Pesquisar carvoeiro na Internet

23.10.06

Albertina foi embora hoje. Acordei às 4:30 para preparar o café. O vôo foi às 6:30 h, à tarde trabalhei no exercício no. 1 da RAZÃO INVERSA. À noite vernissage do Clóvis Júnior. Encontrei alguns amigos, uma louca e o encanto do Wladimir Carvalho que disse apreciar muito a obra do Miguel, em especial os sapatos. Ele é uma pessoa muito especial.

Esboço com lixa

Resultado da pesquisa sobre o carvoeiro:

CARVOEIRO

O carvoeiro (*Sclerolobium paniculatum*) é uma árvore da família das Fabaceae, conhecida por diversos nomes comuns (taxi branco, ajusta contas, angá, arapaçu, cachamorra, cangalheiro, carvão de ferreiro, carvoeira, carvoeiro do cerrado, jacarandá canzil, mandinga, paáariúva, passuaré, pau pombo, taxi branco de terra firme, taxi branco do flanco, taxi pitomba, taxirana, taxirana do cerrado, taxizeiro branco, tinguizão velame, tinguizão veludo).[1] Encontra-se distribuída em diversos estados do Brasil, em floresta semidecídua, amazônica (terra-firme) e cerrado.

A floração ocorre entre Dezembro e Abril e a frutificação entre Abril e Maio (no Pará, em Dezembro). As flores são lanceoladas, de cor amarelo-esverdeada, aromáticas, possuindo cinco pétalas e uma estrutura em cacho, reunindo-se em panículas terminais que podem chegar aos quarenta centímetros de comprimento. A frutificação resulta em sâmaras, com sementes de forma carnúcula, oblonga e alongada, superfície lisa e cor amarela-esverdeada.

A folha é composta, de estrutura imparipinada, com quatro a sete pares de folíolos.

A madeira de carvoeiro, de densidade 0,65, tem aplicação na construção e no fabrico de carvão vegetal. A árvore é usada em paisagismo e na arborização de espaços urbanos.

Sâmara é um tipo de fruto identificado pela sua forma, mais do que pela sua estrutura carpelar (ao contrário de outros frutos, como legume, aquênio, ou folículo, determinados pelo número de carpelos envolvidos, não só pelo tipo de abertura). São frutos normalmente secos, indeiscentes, com uma ou duas alas membranosas associadas à região do lóculo, onde encontra-se uma só semente. As sâmaras, por causa destas alas, exercem um movimento helicoidal enquanto em queda, possibilitando que mesmo frutos e sementes de tamanho considerável possam ser deslocados pelo vento antes de tocar o solo.

As sâmaras são frutos característicos de muitos gêneros das famílias Malpighiaceae, Sapindaceae e algumas Fabaceae.

Frutos samaróides não devem ser confundidos com sementes aladas, como as de pinheiros ou ipês, com morfologia semelhante. O termo "sâmara" é referido corretamente apenas aos frutos.

26.10.10 – segunda-feira

Comprei a mini-esmerilhadeira . Cacá foi comigo. Comprei umas outras ‘coisinhas’. Passamos a manhã na loja! Eles não achavam o suporte para a lixa, apesar de constarem 6 no estoque! Ô custo! À noite “Sarau na Câmara” – PasesAndinos. Muito agradável. Fui com Meriza, Hilton e Cida. Ouvi Neruda, Violeta Parra, Drummond, Pedro Nava, Chico e outros poetas muito bons que eu não conhecia. Aniversário da Cleide. Liguei à meia-noite aqui, 20:00 h na Guatemala. Comprei U\$ hoje para ir ao México. E Guatemala.

Nota fiscal

27.10.09 terça-feira

Continuo no “Exercício 1 da Razão” e fico olhando o horizonte (fotografia na página ao lado) local onde a árvore foi retirada e, logicamente ela era viva e certamente muito bonita. Penso no

e-mail da Dedé e penso que quando esculpo estou buscando a ressurreição. Ainda não quiz olhar no olho da questão.

e-mail da Dedé:

‘Se algum dia escrever um livro, tenho que dedicar um capítulo especial aos meus sonhos. Esta noite vi, como se estivesse acordada, no Estado de Minas, um foto grande do Ronaldo (muito linda a foto, afinal como ele era) com a legenda: Fátima de Assis, 30 anos, filha de Ronaldo, conta que o pai está vivo – na página 30. Não achei a página 30 (acho que nenhum jornal tem este tanto de páginas). Achei foi a entrevista que ele dava nas páginas amarelas da Veja, explicando tudo. Aos prantos li que ele havia se fingido de morto durante toda uma noite e que na manhã seguinte foi para um hospital em Sao Paulo. Ele tinha uma doença, tipo depressão, que o fez agir assim. Euchorava, chorava, não conseguia ler direito, doida para ver se ele falava da gente aqui de Araújos, se ele sentia falta de nós...Falei com o Nivinho e o Agnaldo que eu sempre sonhei com ele vivo. Isto é verdade . Eu sonho com ele dizendo que não morreu. Ainda no princípio desta semana eu sonhei. Quando acordei fiquei pensando no encontro dele lá do outro lado, junto com D. Wilda, recebendo o Oduvaldo que foi ontem. Acho que vou mandar celebrar uma missa para eles...’

Foto carvoeiro vivo

29.10.09 quinta-feira

Peguei autorização para trabalhar nos fins-de-semana e feriados . Entreguei o pré-projeto ao Miguel que achou, não sei se dramático ou trágico, o termo ressurreição. Disse que estou vivendo um tempo meio complicado. Ainda não comecei o trabalho na árvore.

Autorização

Pré-Projeto

Universidade de Brasília

Departamento de Artes Visuais

Disciplina: Escultura 2

Professor: Miguel Simão

Aluna: 06/91127 – Maria das Graças de Freitas Barbosa

Escultura para Espaço Público.

Título: Razão Inversa

Tema: Tempo (fugacidade-vida/morte). A inversão do mando homem/ natureza. A morte do cerrado, a morte do homem. A busca da ressurreição pela recriação através da escultura.

Técnica: Escultura em madeira que será feita respeitando as formas sugeridas pela natureza.

Material: Árvore morta do cerrado (carvoeiro).

Recursos: Próprios, orçados em torno de R\$ 1.500,00.

Capacidade técnica: Conhecimento adquirido em escultura 1 e buscando orientação do professor titular e funcionários da maquete.

Tempo: 40 dias trabalhando inclusive nos feriados e fins-de-semana.

Deslocamento e fixação da obra: Será necessário caminhão munck e funcionário para cavar a fundação para fixação da obra.

Iluminação: instalação de projetor. Será necessário eletricista.

Maquete: Feito um exercício em tamanho reduzido.

30.10.09 sexta-feira

É difícil começar! Depois do almoço me arrumei para ir para a maquete, mas o tempo fechou e desisti. Cacá comentou a minha dificuldade de ‘encarar’. Fiquei ruminando. Achei que ele tinha razão. Me arrumei de novo e fui às 16:00 h! Trabalhei até as 19:00 h. Foi muito bom ter ido! Um alívio ter começado. Suei bastante e ganhei um calo na mão. Quando estava trabalhando, um rapaz chegou e ficamos conversando. Felipe é seu nome e veja que coincidência, ele é sobrinho da Lúcia (minha cabeleireira). Ela fala sempre dele. Tocou um pouco de violão, ofereceu para ajudar. Muito gracinha. Quando cheguei em casa mostrei o calo para o Cacá. Ele brincou dizendo que ao final da obra estarei com as mãos como o Aleijadinho, que terão que amarrar os instrumentos para eu trabalhar (rsrs).

01.11.09 – segunda-feira – Finados

Tata chegou no sábado. Não fiz nada até hoje, além de ‘lamber a cria’. A despedida foi um abraço inesquecível, do tamanho da paz. Fomos (Cacá, Tavo e eu) levá-lo para embarque em Taguatinga (Rota SP), na volta passamos pela maquete para que eles pudessem ver a árvore. Stanley estava lá. Conversamos um pouco e ele me emprestou um macete de Angelim. Cacá e Gustavo gostaram da árvore, mas quiseram vir embora logo por causa dos mosquitos.

06.11.09 sexta-feira

Cheguei da aula de francês, almoçamos e logo preparei o material para ir para a maquete. Fiquei cansada só de carregar o carro. Levei extensão, mangueira, compressor e ferramentas. Às 14:00 h já estava lá preparando o compressor para começar a labuta. Matias me emprestou chave de fenda e conversor para tomada (que havia esquecido). Meriza havia oferecido para me ajudar. Liguei para ela, que chegou por volta das 15:00h. Tinha muito cupim! Na limpeza localizei uma lagarta enorme! Fotografei. Seu Oswaldo e o vigia da maquete (esqueci o nome) tiraram para mim porque achei horrível, tive gastura! Às 16:00 h caiu o maior temporal! Fiquei encharcada. Já estava mesmo cheia de lama! Ainda bem que consegui terminar a limpeza da raiz. Foi ótimo chegar em casa e tomar banho quente! Mostrei as fotos ao Cacá. Ele disse que aquela lagarta enorme era a Rainha-cupim.. Incrível! Era mesmo! Descobriu um tanto de coisa interessante! Ela vive até 30 anos, mede até 15 cm (a minha tinha muito mais) e bota até 80.000 ovos por dia! Ela enxerga. Os cupins operários não. À noite fui à casa da Meriza assistir ‘O engenho de José Lins’ do Wladimir Carvalho. É muito bom! Conte pra ela da rainha. Ela ficou impressionada!

Fotos da rainha-cupim

07.11.09 sábado

O carro está bem fedido por causa do macete de Angelim. Passei na casa da Meriza às 16:00 h e fomos para a maquete. Trabalhamos até as 19:00 h. Felizmente o tempo firmou. Miguel também estava lá. Me aconselhou a usar kimo (cupinicida) e por falar em cupinicida , incrível! Não havia nenhum cupim na árvore. Não sei se morreram todos depois da morte da rainha, ou se saíram procurando outra rainha em outro canto. Uma escova de aço para polir ao invés de lixa. Comprarei na terça-feira. Miguel disse que deve custar uns R\$ 40,00. O trabalho de descascar a árvore rendeu bastante (2/3). Na saída Miguel passou por lá e disse que, não é por nada não, mas seria bom arrumar um homem para polir a árvore, porque mulher tem pouca força e o trabalho é pesado. Durante todo o tempo me lembro da Maria Helena (Parna) Ela estava coberta de razão! Havia ainda muitos tipos de vida na árvore: outras plantinhas brotando, ovos coloridos, besouros, larvas, uma colônia numa coisinha branca que parecia algodão. Fico pensando...

08.11.09 domingo

Não fui à UnB. Trabalhei em casa no exercício 1 e na apresentação no power point “Razão Inversa”. Está ficando bem legal.

09.11.09 segunda-feira

Aniversário da Marisa. Não fui à UnB à tarde porque choveu muito. Fiquei lendo sobre cupim na Internet. É muito assunto!Resumo

RESUMO

Os cupins são insetos sociais pertencentes à ordem Isoptera e constituem um dos grupos de invertebrados dominantes em ambientes terrestres tropicais. Atualmente, existem cerca de 2.900 espécies descritas, que estão distribuídas em sete famílias: Mastotermitidae, Kalotermitidae, Termopsidae, Hodotermitidae, Serritermitidae, Rhinotermitidae e Termitidae. A região

neotropical engloba 537 espécies, e dessas, aproximadamente 300 ocorrem no Brasil e pertencem às famílias Kalotermitidae, Rhinotermitidae, Serritermitidae e Termitidae. Apesar dos isópteros serem bastante conhecidos pelo seu potencial como praga, o papel ecológico dos térmitas no ambiente é primordial, visto que desempenham o papel de consumidores primários e/ou decompositores nos ecossistemas naturais. Esses insetos participam ativamente na trituração, decomposição, humificação e mineralização de uma variedade de recursos celulósicos. Uma grande diversidade de material orgânico, em vários estágios de decomposição, pode servir de alimento para os cupins, incluindo madeira (viva ou morta), gramíneas, plantas herbáceas, serapilheira, fungos, ninhos construídos por outras espécies de cupins, excrementos e carcaças de animais, líquens e até mesmo material orgânico presente no solo (húmus). Essa vasta gama de fontes alimentares permitiu aos cupins ocuparem quase todas as regiões quentes e temperadas da Terra, ocorrendo em praticamente todos os ambientes terrestres, naturais ou modificados pela espécie humana. Portanto, os isópteros são encontrados nas matas tropicais e temperadas, cerrados, savanas, caatingas, restingas, mangues, campos, culturas, pastagens e cidades.

1. Madeira

Grassé & Noirot (1959) consideram a dieta xilófaga como primitiva. Essa dieta é mantida não somente pela maioria dos cupins inferiores, mas também por quase todos os Termitidae, com exceção dos representantes da subfamília Apicotermatinae (Bignell & Eggleton 2000). Contudo, a condição da madeira (viva ou morta, sã ou decomposta) parece ser importante para a determinação se ela é ou não adequada como recurso alimentar para as espécies de cupins.

Madeira viva é usada principalmente pelos cupins inferiores, incluindo espécies de *Zootermopsis* (família Termopsidae), *Heterotermes*, *Schedorhinotermes*, *Coptotermes*, *Reticulitermes* (família Rhinotermitidae) e membros das famílias Kalotermitidae e Mastotermitidae, e é raramente consumida pelas espécies pertencentes à família Termitidae (Lee & Wood 1971; Wood 1978). Em geral, consumidores de madeira viva se alimentam apenas de porções mortas de árvores saudáveis, incluindo cerne e troncos mortos. Além de terem baixo valor nutritivo e conteúdo tóxico potencialmente alto (Anderson 1962), a madeira é dura e pode causar um desgaste considerável nas mandíbulas dos cupins, embora nenhum estudo tenha

ainda mencionado tal fato. Desse modo, muitas espécies de árvores são indisponíveis para alguns cupins (Scheffrahn & Rust 1983). Além disso, há muitas variações intra-específicas na distribuição radial e vertical de toxinas (Anderson 1962), bem como na quantidade de substâncias tóxicas presentes (Labosky Jr. 1979), dificultando ainda mais o consumo por parte dos térmitas. As vantagens do consumo de árvores vivas incluem um ambiente de forrageamento abrigado, que está isolado de temperaturas e umidades extremas (Highley & Kirk 1979).

Os cupins consomem madeira morta em vários estágios de decomposição. Esse recurso alimentar é consumido tanto pelos cupins inferiores como pelos superiores, e mostra as mesmas desvantagens da madeira viva no baixo conteúdo de nitrogênio, na dureza e no potencial tóxico elevado. Adicionalmente, amplas flutuações de temperatura e umidade ocorrem na madeira cortada (Highley & Kirk 1979). Além disso, esse tipo de madeira pode abrigar formigas predadoras. Madeira recém-abatida é a dieta primordial dos Kalotermitidae, Rhinotermitidae e certos membros de Hodotermitidae e Termitidae. Entre os cupins superiores, pertencentes à família Termitidae, muitos dos Macrotermitinae e Nasutitermitinae se alimentam desse substrato. Já madeira decomposta ou envelhecida é a principal fonte alimentar de muitos Hodotermitidae (todas as subfamílias, exceto Hodotermitinae), Rhinotermitidae, certos membros de Termitidae e poucos Kalotermitidae.

Recursos alimentares explorados pelos cupins (Insecta: Isoptera)

Juliana Toledo Lima¹; Ana Maria Costa-Leonardo

Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista – UNESP
Avenida 24-A, 1515, Bela Vista, CP 199, CEP 13506-900, Rio Claro, SP, Brasil

14.11.09 sábado

Cacá foi ao SIA. Não achou a escova de aço. Terei de sair na segunda para procurar em outro lugar. Vou à W3.

16.11.09 segunda-feira

Fui à casa das ferramentas e achei a escova. Não tive aula de francês. Não tenho trabalhado na árvore. Ontem e hoje fiquei todo o tempo fazendo o trabalho sobre ‘Arte Povera’. Apresentaremos amanhã.

Nota fiscal da escova totalmente ilegível

18.11.09 quarta-feira

Tempo bom. Testei a escova junto com Matias. Acho que vai dar certo. Se achar muito pesado e complicado, vou contratar o Valterez. Trabalhei de 16:00 às 19:29 h. Começou a chover. Dá para trabalhar á noite. Tem um holofote no estacionamento que clareia + ou – o lugar onde está a árvore. Hoje fiquei pensando na física. Na prática, claro! Lembrei do princípio das alavancas do Arquimedes: ‘Me dê uma alavanca e moverei o mundo’. Pois é, é o princípio da alavanca que uso para retirar a casca. Só falta a parte que está encostando no chão. Está indo... Preciso levar a extensão, ancinho, lona e repelex.

20.11.09 sexta-feira

Trabalhei de 15:00 às 19:00 h. Consegui usar a esmerilhadeira com a escova de aço sem problema. O resultado está sendo bom. Limpei ao redor e embaixo da árvore. Fica melhor, dá a impressão de maior organização e possivelmente diminua o número de mosquitos. Tenho de usar off o tempo todo! Recebi visita do Felipe, Gabriel e Pedro Oswald, que teve uma fala muito engraçada: Graça, eu diria que você é louca , se não soubesse que você é tão equilibrada! (rsrs) Cheguei em casa bem dolorida. Tomei um torsi lax antes de dormir. Amanhã tem mais!

21.11.09 sábado

Aniversário do Zé Maria. Liguei para ele, faz 62 anos. Lembramos que papai morreu aos 62 anos. Logo depois de completar. Novo demais. Nos emocionamos bastante. Fiquei com um nó na garganta que não dava conta de falar. Dia complicado com Gustavo. Fui trabalhar na árvore-ressurreição. Trabalhei até a exaustão. Quando

passava na ponte do Bragueto, indo para a UnB, deu no rádio: Em Brasília são 15:00 h em ponto! Cheguei na maquete às 15:05 h e comecei logo. Trabalhei até 19:29. O serviço está rendendo. Recebi visita do Stanley. Ele disse que irá torneir um pedaço que será retirado do carvoeiro, para que possamos ver sua cor real. Ele está trabalhando com arte para estudantes com necessidades especiais. Um projeto muito humano e interessante. Na conversa ele falou da Dolores Tomé. Disse que é amiga do meu irmão, etc. Peguei o telefone dela e vou dar para o Zé Maria. Acho que ele vai ficar muito feliz. Por hoje, that is all! (09.04.2012 – Zé Maria e Dolores reataram a amizade. Mês que vem irão junto à Portugal, em um congresso de música para cegos)

22.11.09 – domingo

Fui à missa das 8:00 na Nossa Senhora do Lago e de lá fui para a maquete. Cheguei às 9:20 e trabalhei até as 12:30 h. Meriza foi lá. Ligou em casa e Gustavo disse que eu havia saído, então ela imaginou que eu estivesse trabalhando na árvore e foi lá. Stanley também estava lá trabalhando. Disse que vai torneir um pedaço do carvoeiro para ver a cor real da madeira e falou de como se lembrava da dessa madeira na sua infância, usada para fazer fogo. Achei legal. Zefa chegou às 18:00 fomo ao CCBB. Conversamos.

23.11.09 segunda-feira

Às 8:00 saímos todos. Cacá foi com Mari à Receita Federal, Zefa foi com Gustavo porque o curso será dado na CONAB do Parque da Cidade, perto do Obscurtos, então ele deu uma carona e eu fui para a UnB (maquete). Conversei com Matias e ele fez os cortes que eu queria, exceto na raiz porque ele disse que a serra está precisando de manutenção e não agüentaria. Uma hora de trabalho. Fui para a aula de francês e às 12:00 cheguei em casa me sentindo mal, como se fosse gripar. Tomei um remédio e passei o resto do dia na cama. Às 19:00 deveria buscar a Zefa, mas como Tavo ainda estava estudando, passará lá para pegá-la. Zefa está vivendo um momento delicado que me (aborrece) entristece muito.

24.11.09 terça-feira

Antes de ir para a aula da Renata passei em algumas lojas da W3 sul para ver o verniz e o cupinicida. Chegando ao Ida encontrei com Miguel conversando com Pedro Alvim. Miguel disse que não é para tirar nada da raiz que estrago a árvore. Disse que não poderia deixar um criatório de dengue. Ele disse que posso colocar areia. Então falei na espuma expandida que vi na loja de tintas. Ele acha que pode dar certo. Chegando em casa liguei para Edvaldo. Ele disse que o cupinicida não atrapalha a aplicação do verniz e sugeriu que eu fosse à Fercon. Às 14:05 saí para a maquete, passando pela fercon. Comprei o que precisava: Neutrol, seladora para madeira, cupinicida, espuma expandida, trincha, máscara e água-raz. Valor: R\$125,00.

Trabalhei de 14:30 às 19:30, quando começou a aula do Miguel. Ficou marcada para quinta-feira às 8:30 h, para irmos à prefeitura acertar com o pessoal que irá me ajudar no que for necessário para a instalação da obra. Fomos ver o local na praça. Gostei imensamente do trabalho que o Gabriel está fazendo: raízes de concreto-sucata nos pés de uma árvore. Na volta da aula parei no posto Petrobrás aqui perto de casa, onde sempre vou, para abastecer. Quando fui pagar o bombeiro perguntou se eu estava vindo do sítio (estava imunda de pó) aí dei uma olhada na minha roupa e disse: É... estava trabalhando... Ele: De camponesa? (rsrs) Cheguei em casa rindo sozinha! Cacá, Zefa e Tavo estavam comendo uma pizza. Não os acompanhei porque precisa de cuidar dos cães e tomar banho antes de me assentar à mesa. Depois que acabei de comer Zefa desceu. Estava deprimida. Conversamos.

P.S. Quando estava trabalhando, um senhor chamou pelo outro lado da cerca (prefeitura) disse que se chama Marcílio, fez o mosquito da dengue e o Zé Fumaça, disse que tem me visto trabalhar muito e me convidou para ir ver sua obra.

Nota fiscal Fercon

25.11.09 quarta-feira

Passei na Fercon antes da aula de francês e troquei o selador, que estava errado, por um verniz marítimo. Noite bem ruim. Dormi mal.

Nota-fiscal Fercon totalmente apagada

À tarde, aula da Cíntia e depois fui buscar a Zefa na Conab (16:00) e fomos 'bater perna' no shopping (Venâncio e Pátio Brasil) e comer uma pizza no Deck Norte. Não trabalhei na árvore hoje.

26.11.09 quinta-feira

Às 8:30 nos reunimos na maquete. Não fomos à prefeitura por causa da greve. Miguel orientou que a partir de terça-feira cada um conduza seu processo isoladamente. Deu o telefone do encarregado para entrar em contato direto com ele: Arnaldo 9986-9443.

27.11.09 sexta-feira

Às 9:00 h levei Zefa para reunião na CNA e fui para aula de francês. Às 12:00 busquei Zefa e fomos almoçar no Deck. Encontramos Gustavo lá. Às 15:30 fui levá-la ao aeroporto e na volta fiquei na maquete trabalhando de 16:10 às 19:30. Levei o compressor e lavei de novo a raiz. Ainda tem cupim. Joguei o cupinicida todo. Amanhã tenho que comprar mais. Continuei lixando, está muito adiantado.

28.11.09 sábado

Às 8:27 passava na frente da igreja N.S. do Lago. Passei na Fercon e comprei mais cupinicida. Fui para a maquete e trabalhei até as 13:27. Passei o cupinicida e depois embrulhei a árvore como Christo. Tirei fotos da árvore. Não estou legal e a árvore tem sido a ressurreição. Me equilibra.

Nota fiscal Fercon

29.11.09 domingo

Fui à missa das 10:00 na igreja São Francisco e depois fui para a maquete mas não trabalhei nem 1 hora porque caiu o maior toró.

07.12.09 terça-feira

Sumi da árvore: chuvas, provas e viagem a Minas. Só voltei hoje às 16:20 h. Os cupins agora acabaram mesmo! Passei neutrol na parte que será enterrada. A árvore continua sendo embrulhada (como Christo) por causa das chuvas. A greve acabou hoje.

11.12.09 sexta-feira

Finalmente tarde de sol. Fui às 14:20 para a maquete. Um ritual: desembulhar a árvore, retirar as coisas do carro, passar off porque senão é impossível trabalhar, os mosquitos da dengue não dão paz. Dei a primeira demão de verniz. A cor da madeira é muito bonita, um castanho avermelhado. Terminei às 16:50h. Fiquei até as 17:30 esperando secar para embrulhar a árvore de novo. Às vezes estou quase terminando, bate um vento, retira a lona, aí tenho de começar de novo, mas resolvi que não perco a paciência. É tudo na paz. Miguel foi ver a árvore e sugeriu que só faça 3 buracos. São 10 pontas. As outras 7 só tocam o chão. Acho que é mais razoável mesmo, do que fazer 10 buracos. Tata chega amanhã. Estou ansiosa. Tavo foi dormir na casa da Roberta. Tata sai de SP às 22:00h. Estou com muito sono mas vou esperar a mensagem do Tata para ir deitar.

12.12.09 sábado

Tata chegou. Família completa. Isto é muito bom. Dia de sol. Trabalhei na segunda demão de 16:00 ÀS 17:20 H. Depois, de novo, embrulhei a árvore.

P.S. muita preguiça teve que ser vencida para ir à maquete hoje. (09.04.2012 – digitação – lembrei que nesta data fazia 30 anos que eu tomava posse no Banco do Brasil e que Marcelo Rubem Paiva ficava tetraplégico)

13.12.09 domingo

Fui à missa das 8:00 na N.S. do Lago e às 09:10 já estava na maquete, aí o tempo fechou. Desembrulhei metade da árvore e dei a terceira demão, na parte da raiz. Como o tempo firmou, desembrulhei o resto e dei a 3ª. Demão. Saí da maquete às 10:22, depois de embrulhar de novo a árvore. Hoje não havia mais ninguém além de mim e do vigia.

14.12.09 segunda-feira

Às 14:00 fui assistir à defesa de monografia da Francinéia, cujo orientador era Carlos Ferreira, Renata Azambuja e Marília Panitz compuseram a banca. Após a defesa (SS para ela) passei na maquete para conversar com Matias sobre a virada da árvore. Ele disse que necessitava de mais 5 homens. Fui então à prefeitura fala com Arnaldo. Às 16:10 estava na ante-sala esperando para falar com ele. Logo em seguida a secretária autorizou minha entrada na sala. Ele foi bastante solícito, ligou para o encarregado e ficou acertado que amanhã, às 07:500 devo estar na prefeitura para, junto com 8 homens ir virar a árvore. Com relação à iluminação na hora ligou para o engenheiro eletricitista pedindo que fosse à sua sala. Conversamos e ficou acertado que será possível a iluminação, sendo que Arnaldo disponibilizará gente para enterrar o fio 20 cm porque senão pode ser roubado. Será um refletor de 1000 watts e o cabo será pp 2x2,5. A iluminação será puxada de um poste da CEB, o que é melhor porque não preciso me preocupar com o liga/desliga, fica já conectada à célula com sensor para que isto seja feito automaticamente.

Pedi também: Sr Miguel com motosserra para estabilizar a árvore, homens para cavarem os buracos e caminhão munck. Preciso fazer um pedido formal e entregar na prefeitura. Acredito que tudo dará certo. Até...

15.12.09 terça-feira

Aniversário da Rosa. Cheguei à prefeitura às 8:02 e o pessoal já estava no estacionamento. Falei com Renivam e ele disse que eu eu podia ir para a maquete que

eles iriam em seguida. Quando estava desembrulhando a árvore, ele chegou com 8 homens. A virada demorou menos de 5 minutos, mas eles disseram que a árvore pesa muito. Fotografei tudo. Depois continuei trabalhando. Descasquei a outra parte. Miguel foi lá e contei o “andar da carruagem” para ele. Disse que não havia ido de mini-saia na prefeitura porque depois dos 50 isto não fica bem, mas que havia conseguido tudo. (rsrs). Fomos olhar o local para colocar a árvore. Fotografei. Arnaldo chegou lá e perguntou se havia dado tudo certo. Perguntei se podia cortar a calçada para passar o fio. Arnaldo disse não haver nenhum problema. Ah! Quando saí de casa fui pegar a chave na bolsa (sumidouro) , daí coloquei a máquina fotográfica no capô. Só dei conta disto quando estacionei na maquete e vi a máquina lá. Deus me ajudou (1x0). O tempo voou. Estava meio fechado, fui olhar horas eram 10:20. Nem embrulhei a árvore e corri para a aula das 10:00 da Renata. Quando saí da aula voltei para embrulhar a árvore e vi que havia deixado as ferramentas (2x0) Deus me ajudou de novo. Fotografei a árvore embrulhada depois de virada. Ficou bem diferente da anterior. Ah, ficou marcado para sexta-feira o braço munck porque o pessoal da prefeitura vai entrar de recesso (Natal). Sexta é a data-limite.

15:30 h. Fui na casa da Rosa dar os parabéns. Rita também foi. Conversamos até 17:10, quando fui para a maquete. Trabalhei até as 19:55. Feito uma louca. Lavei o outro lado da raiz compressor, lixei a parte que estava embaixo e dei uma demão de verniz. É uma corrida contra o tempo. Miguel disse que tinha uma má notícia. sexta-feira é a festa de Natal da UnB. Ninguém trabalha. Amanhã tenho que ver se é possível resolver tudo na quinta, porque, na verdade, o recesso começa na sexta.

16.12.09 quarta-feira

É muito estresse! Agora são 14:11. Estou aguardando retorno do Arnaldo. Cheguei às 09:00 no ‘Café com Letras’ para encontrar com Karina. Passei com 7,85 em francês. Em seguida fui à prefeitura falar com Arnaldo, que me levou para falar com Osvanildo. O sr. Miguel não pode hoje. Ficou marcado para amanhã às 08:00, depois seria feito o gabarito dos buracos, os buracos e então o caminhão munck para o replante. Osvanildo disse que o caminhão está sem combustível, ele tentou falar com

o diretor de transportes e não conseguiu. Fui para a maquete trabalhar na árvore. Conversei com Matias e ele se dispôs a aplicar o verniz na raiz com o compressor, como meu verniz estava no fim, liguei para Tata comprar verniz, água-raz e thinner. Ele trouxe aqui na maquete e o verniz foi aplicado na raiz, só que antes tive de ir à prefeitura procurar o dono do fox preto que estava estacionado perto da árvore e teria que ser retirado, para que o verniz pudesse ser aplicado. Localizei e as coisas seguiram. Pedro Oswald trouxe o pai e a mãe para darem uma mãozinha na obra dele. Soraya está pra lá e pra cá buscando areia, etc, e descarregando. Disse a ela que está faltando aplaca no carro: Faz Frete! Ela está também de chapa. Camila apareceu e disse que ia à prefeitura. Expliquei o caso do munck, disse que ela poderia acertar para que pudessemos usá-lo de uma vez, ela, Rodrigo e eu. Repetiram a história do combustível e o amigo dela me falou do outro lado da cerca (na prefeitura). Eu disse que pagaria o combustível, mas parece que há um outro problema. Ele foi então ao departamento de engenharia para ver se conseguia outra munck. E retornou dizendo que pode para amanhã, só que às 08:00. Estresse de novo! Sr. Miguel só vem às 8:00 e os buracos? Disse que ia pensar e continuei a terceira demão e resolvi fazer o gabarito 'na tora', sem os cortes. Combinei com Matias para as 14:00h. Saí às 12:10 para almoçar em casa com Tata. Que dia! Fátima não apareceu para a faxina. Cacá está estressado porque os tios dele chegam na sexta e a Fátima não apareceu.

14:00 horas – Voltei e o Matias não está. Liguei para o Arnaldo que vai ver o que é possível porque hoje à tarde é festa do sindicato. Sinceramente...Agora estou aqui no carro esperando...

14:34 h. Arnaldo retornou. Não é possível hoje. A festa já começou. O pessoal está bebendo. Amanhã às 08:00 procurar o Eliseu. Seja o que Deus quiser. Vou tentar fazer o gabarito ainda hoje.

Messias 3107-3353

Deixei o celular no carro e saí para conversar com Pedro Oswald que estava esperando a entrega de um vergalhão para sua obra, quando chegou um senhor e me perguntou se eu era Graça porque o Arnaldo estava me ligando e não conseguia falar comigo. Disse que era o Messias (o próprio) e que era para eu ir mostrar o lugar dos buracos porque o Arnaldo havia falado com ele para arrumar gente para cavar os buracos hoje. Pensei rápido. Fui ao local e marquei um buraco para o pessoal começar a cavar e eu ganhar tempo. No celular tinha uma mensagem de voz do Arnaldo, com o recado que o Messias deu e duas chamadas não atendidas do Arnaldo, a última às 14:48. Retornei e disse que já havia encontrado com Messias. Liguei para Tata pedindo que fosse levando prego, parafuso, furadeira tudo que achasse necessário para fazer o gabarito. Estava mexendo na árvore quando a mãe do Pedro Oswald (Túnia) chegou e foi falar comigo. Falei com ela da minha dificuldade e que estava esperando meu filho para me ajudar. Ela disse que havia feito desenho industrial e que, se fosse ela, faria o gabarito no plástico que estava cobrindo a árvore. Eureka! Consegui uma tesoura emprestada com Xamã e quando ia começar, Tata chegou. Fizemos o gabarito e fomos ao local dos buracos e fizemos as marcações. Voltamos à árvore e Tata aplicou a espuma expandida. Era preciso comprar spray marrom porque a espuma é amarelo-claro. Tata saiu e demorou tanto que fiquei preocupada e tentando ligar para ele. Chegou às 17:20 e disse que foi a maior peregrinação para conseguir comprar. Andou toda W3 norte, casa das artes e acabou achando na Unitintas, 710 norte. Custou R\$ 13,00. Os buracos ficaram prontos. Pintamos e Tata veio para casa. Embrulhei a árvore e enfim para casa também. Exausta! Amanhã tem mais.

17.12.09 quinta-feira

Sr. Miguel 9804-4465

38 anos da morte do Ronaldo. Levantei cedo, preparei o café. Às 8:00 em ponto estava na prefeitura. Encontrei com Osvanildo no estacionamento e ele me levou até sr. Miguel, no barrcão. Descobri o outro motivo que impossibilitou o munck. Hoje é festa na prefeitura. Sr Miguel já estava paramentado para a festa. Trocou de roupa e

fez os cortes na árvore. Meriza veio ver a plantação mas só viu o a poda porque o caminhão está atrasado. São 9:40 e ele ainda não chegou. Meriza foi embora porque está com faxineira. Depois do corte passei neutrol nas pontas cortadas. Estou aguardando. Ficaram 8 pontas: 4 serão enterradas e 4 somente tocarão o solo.

Miguel 9258-5733

Camila 9105-2458

Esperei até 12:00 e nada! Rodrigo e Camila também estão no aguardo. Soraya, Pedro Oswald e Shirley também passaram a manhã trabalhando. Wesley também apareceu. A mãe do Pedro esteve todo o tempo ajudando-o. Às 11:30 fomos (Rodrigo e eu) à engenharia atrás do caminhão, que estava lá bem estacionado mas faltava motorista. O rapaz que nos atendeu disse que o motorista havia ido à Ceilândia mas que às 9:30 havia telefonado dizendo que já estava voltando de metrô (40 minutos). Até agora nada! Miguel disse ser improvável que fizessem alguma coisa no horário de almoço. Vim para casa prepará-lo. Almoçamos. Às 14:30 liguei para Camila que disse: Até agora, nada! Interessante é que corri feito uma louca. Tudo que dependia de mim foi feito. Agora a pressa acabou. Estou calma. Vamos aguardar.

16:30 – Camila ligou dizendo que o munck irá amanhã às 8:30. Estaremos lá.

18.12.09 sexta-feira cordei, ou melhor, fui acordada às 7:15, no meio de um pesadelo. O dia começou esquisito. Muita correria. Às 8:30 em ponto cheguei na maquete. O caminhão chegou pouco antes das nove. Contatei Arnaldo para conseguir gente para enterrar a árvore(fechar os buracos). Após o transporte da escada do Rodrigo, o caminhão retirou o container de lixo para chegar até a árvore. Ela foi transportada e plantada depois do ajuste em um buraco. Às 10:33 estava tudo pronto. Fotografei tudo. Na última foto, que era minha ao lado da árvore, fazendo o V de vitória, a bateria acabou. Wesley ia bater. Miguel me disse que sou obstinada, que nem precisava dizer mas que tudo foi muito bem resolvido e profetizou: “Você vai plantar muitas árvores. Vai ter que montar seu staf!” Às 10:40 liguei para Arnaldo

agradecendo e voltei para casa chorando. Liguei para Dr. Arnoldo e fomos Tata e eu, Levando o Zulu para eutanásia (Leishmaniose) chorei muito o dia todo, por todos os motivos. São 18:00. Os tios do Cacá chegam daqui a pouco para passarem o fim-de-semana. Amanhã haverá churrasco. Vou consertar a cara, ou melhor trocar a cara de choro para cara de paz. É a ressurreição!

09.04.2012 - segunda-feira – 23:40

Termo a digitação. Em 18.12.71 Ronaldo foi enterrado. Em 18.12.2010 Pierrinho (meu cunhado muito querido) morreu. Camila não instalou sua escultura. Miguel achou que não poderia ficar exposta que a degradação seria muito rápida. Camila chorou muito. E quanto à eutanásia do Zulu, lutamos durante todo a ano, fizemos um tratamento experimental com Dr. Alejandro, ele estava reagindo depois, de repente, não deu mais, ele estava sentido dores, já não andava e estava cego.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Junito. Dicionário Mítico-Etimológico. Vozes, Petrópolis, 2008.

CALLADO, Ana Arruda. *Maria Martins – Uma biografia*. GRYPHUS, Rio de Janeiro, 2004.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos, José Olympio, 20ª. Edição Rio de Janeiro, 2006.

GOMBRICH, E.H. *Arte e Ilusão*, Martins Fontes, São Paulo, 2007.

_____ *A História da Arte*, LTC, Rio de Janeiro, 2008.

HERKENHOFF, Paulo. *Louise Bourgeois*, CCBB Rio de Janeiro e Bienal São Paulo, 1997.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

KRAJCBERG, Frans. *Natura*, MAM, São Paulo, 2008.

KRAUSS, Rosalind. E. *Caminhos da Escultura Moderna*. Martins Fontes, São Paulo, 2007.

PINET, Hélène et PARIS, Reine-Marie. *Camille Claudel, Le génie est comme un miroir*, Gallimard, France, 2003.

SHAKESPEARE, William. *Antônio e Cleópatra*. L&PM Editores, Porto Alegre, 2005.

TASSINARI, Alberto. *O espaço moderno*. Cosac e Naify, São Paulo, 2001.

TUCKER, William. *A linguagem da escultura*. Cosac e Naify, São Paulo, 2001.

VASARI, Giorgio. *Vidas dos Artistas*. Martins Fontes, São Paulo, 2011.

WITTKOWER, Rudolf. *Escultura*. Martins Fontes, São Paulo, 2001.